



‘Ninguém está excluído do amor de Deus’, enfatiza Leão XIV ao concluir viagem à África

Vatican Media



Na viagem ao continente africano, Papa Leão XIV conhece as diferentes realidades da população, como na visita feita a um hospital psiquiátrico em Malabo, na Guiné Equatorial, no dia 21

A Guiné Equatorial foi o último destino da viagem apostólica de 11 dias que o Papa Leão XIV realizou ao continente africano, tendo anteriormente passado pela Argélia, Camarões e Angola.

Na quinta-feira, 23, no voo de retorno ao Vaticano, o Santo Padre enfatizou que essa via-

gem apostólica deve ser entendida “sobretudo como uma expressão da vontade de anunciar o Evangelho, de proclamar a mensagem de Jesus Cristo”, e não somente em chave política.

Na visita que fez a uma prisão na Guiné Equatorial, o Pontífice enfatizou que “ninguém está excluído do amor de Deus”, e, falando

às autoridades do país, lembrou que também compete à Igreja “formar consciências” e que o objetivo da Doutrina Social “é educar para enfrentar os problemas, que são sempre diferentes, já que cada geração é nova, com novos desafios, novos sonhos e novas questões”.

Página 16

A paz desarmada e desarmante: um caminho longo, viável e necessário

Neste período de maior instabilidade global desde o fim da 2ª Guerra Mundial, com conflitos que se multiplicam, arsenais que crescem e com a linguagem da força que se espalha, esta edição do *Caderno Fé e Cidadania* lança reflexões sobre como se trilhar o caminho da verdadeira paz, que não se resume à ausência de guerra, mas envolve a construção ativa de justiça, verdade, liberdade e amor. Para tal, não há receitas prontas nem discursos fáceis, mas ter em consideração o que disse o Papa Leão XIV na mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano é um horizonte: “Como viver em um tempo de desestabilização e conflitos, libertando-se do mal? É necessário motivar e apoiar todas as iniciativas espirituais, culturais e políticas que mantenham viva a esperança”.



Encontro com o Pastor

As Diretrizes Gerais são um instrumento de comunhão e unidade da Igreja no Brasil

Página 2

Editorial

Não há verdadeira compaixão quando se incentiva que alguém tire a própria vida

Página 4

62ª AG CNBB

Episcopado brasileiro aprova novas DGAE e aponta rumos para a missão da Igreja

Página 6



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Para onde vai a Igreja no Brasil?

A 62ª. Assembleia Geral anual da CNBB, realizada em Aparecida, dos dias 15 a 24 de abril, reuniu mais de 340 bispos de todas as circunscrições eclesiais do Brasil. Somos o país com o maior número de dioceses e de bispos no mundo. Ao todo são, atualmente, 282 dioceses ou equivalentes, 497 bispos, dos quais, 153 eméritos, que já deixaram suas responsabilidades diante das dioceses, por idade, enfermidade ou outro motivo.

Foram dez dias de muito trabalho, oração, reflexões, informações, decisões e convivência entre os bispos, que se encontram, todos juntos, uma vez por ano. Tivemos também um dia e meio de retiro espiritual, logo no início dos trabalhos, pregado por Dom Armando Buccioli, bispo emérito de Livramento de Nossa Senhora (BA) e, atualmente, diretor espiritual do Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma. A Assembleia Geral da Conferência Episcopal favorece a colegialidade e a corresponsabilidade dos bispos pela Igreja inteira no Brasil e, em união com o Papa, também pela Igreja no mundo.

O tema central desta Assembleia foram as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para os próximos anos. Já é de longa tradição que os bispos do Brasil, juntos, estabeleçam orientações para a ação da Igreja durante um período determinado, de acordo com as necessidades e circunstâncias do tempo. As Diretrizes Gerais valem, em primeiro lugar, para a própria Conferência Episcopal e seus órgãos e organismos, como Secretariado Geral, o Conselho Episcopal Pastoral e suas 12 Comissões Episcopais Pastorais estáveis e outras tantas Comissões Especiais, os 19 Regionais da CNBB e tantas organizações pastorais e organismos eclesiais de âmbito nacional e regional. Todo esse conjunto de organizações relacionadas com a Conferência Episcopal encontra nas Diretrizes Gerais as indicações e rumos para seus planejamentos e iniciativas nos próximos anos.

Também as dioceses de todo o Brasil encontram nas Diretrizes Gerais da CNBB as indicações para a elaboração dos seus planejamentos pastorais nas Igrejas particulares e realidades eclesiais locais. Assim, as Diretrizes Gerais são um instrumento de comunhão e unidade na promoção da ação eclesial em todo o Brasil. A Igreja Católica, de fato, é uma e tem a mesma missão: respeitadas as diferentes realidades locais, ela procura viver a comunhão de esforços para a realização de sua missão e metas pastorais.

As novas Diretrizes Gerais são expressão do propósito e do esforço da Igreja no Brasil para acolher o Documento Final da Assembleia do Sínodo dos Bispos sobre a sinodalidade de Igreja (2024). A Assembleia sinodal, realizada em duas etapas no Vaticano, em 2022 e 2023, teve como tema: “Igreja sinodal – comunhão, participação e missão”. As reflexões da assembleia focaram a natureza mesma da Igreja de Cristo, que se expressa no mundo nessas três dimensões. A Igreja não deixa de ser uma, santa, católica e apostólica romana. A isso, porém, acrescenta-se que ela é “comunhão” em Cristo, nos bens da fé, esperança e caridade, devendo, por isso mesmo, cultivar essa comunhão em Cristo, sem se deixar levar a divisões, que ferem o corpo único de Cristo e lhe tiram vitalidade e capacidade de testemunho do Evangelho no mundo.

A Igreja também é “participação” de todos os membros nos seus bens, graças ao Batismo e aos dons do Espírito Santo: participação nos bens da fé, da misericórdia e perdão de Deus, do Evangelho de Cristo, da vida nova do Reino de Deus, dos dons do Espírito Santo, da “herança dos Santos” e das promessas de Deus. A participação na Igreja, antes de ser nossa ação, é graça recebida. E a Igreja também é “missão”, como comunidade de discípulos de Jesus Cristo enviados ao mundo para anunciar o

Evangelho e testemunhar a vida nova do Reino de Deus, que já se faz presente no mundo. Todos os batizados são chamados a participar, de diversos modos, da grande e importante missão confiada por Jesus à Igreja.

As Diretrizes Gerais chamam todos a tomarem parte da Igreja, tenda de Deus no mundo, a partir do Mistério da Encarnação do Filho de Deus, que “veio habitar no meio de nós” (cf. Jo 1,14) e continua na sua Igreja: “Eu estarei sempre convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (cf. Mt 28,29). Por isso, as Diretrizes pedem a atenção aos sinais dessa presença e ação de Deus no mundo; e são um chamado ao discernimento e à conversão pessoal e pastoral, para vivermos, efetivamente, a comunhão, a participação e a missão. As Diretrizes Gerais indicam também os compromissos sinodais que deveriam ser assumidos em todas as comunidades e expressões da vida eclesial. Com as Diretrizes Gerais, a CNBB conclama o Povo de Deus inteiro do Brasil a viver a sinodalidade da Igreja, em comunhão e participação, e indica os caminhos da missão mais necessários no tempo presente.

Também a arquidiocese de São Paulo está em processo de elaboração de seu Plano Arquidiocesano de Pastoral, à luz das diretrizes e propostas do 1º sínodo arquidiocesano (2017-2023) e das novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da CNBB.

SANTA CAROLINA
CHILE 1875

Nascida da inspiração e moldada pelo tempo, Carolina carrega um legado histórico. Reinventa tradições, cria novas experiências e desperta sensações únicas. É ousadia com alma. É o passado que pulsa no presente.

CAROLINA
RESERVA

Beba com moderação.

Na recordação do genocídio armênio, renovam-se os apelos por uma cultura de paz, respeito e solidariedade

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Os 111 anos do genocídio armênio foram recordados com uma sessão solene realizada na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), na sexta-feira, 24. Por iniciativa dos deputados estaduais Danilo Balas e Gil Diniz, o ato reuniu autoridades civis, lideranças religiosas e representantes da comunidade armênia em um momento de memória, reflexão e compromisso com a dignidade humana.

Entre as lideranças religiosas participaram o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo e recentemente nomeado Administrador Apostólico para os fiéis católicos armênios no Brasil. Também esteve Dom Nareg Berberian, Primaz Ortodoxo da Igreja Apostólica.

NÃO ESQUECER

Em seu discurso, Dom Odilo manifestou profunda solidariedade ao povo armênio, destacando a dimensão humana e espiritual da recordação. “Manter viva a memória desta tragédia é também preservar a identidade, a cultura e as raízes de um povo”, afirmou, sublinhando que a lembrança das vítimas deve inspirar coragem, perseverança e unidade às gerações atuais.

O Cardeal também advertiu para os riscos contemporâneos que podem conduzir a novas formas de violência coletiva. Segundo ele, “os genocídios não acontecem de um momento para o ou-



Ato público em São Paulo, no domingo, 26, recorda os 111 anos do genocídio armênio

tro”, mas são precedidos de processos de disseminação do ódio e da intolerância. Nesse sentido, chamou a atenção para o papel das sociedades atuais diante do agravamento de discursos que incentivam a exclusão e a hostilidade, especialmente nas mídias digitais. “A cultura do ódio não constrói, ela destrói”, sublinhou, conclamando à promoção de uma cultura de paz, respeito e solidariedade.

O Arcebispo destacou ainda que a

recordação do genocídio armênio deve suscitar um exame de consciência coletivo, capaz de despertar responsabilidades no presente. “Devemos construir pontes em vez de levantar muros”, disse, reforçando que a memória histórica tem também uma dimensão pedagógica, orientada à prevenção de novas tragédias.

As homenagens prosseguiram no domingo, 26, com um ato público na Praça Armênia, no bairro do Bom Retiro, que

contou novamente com a presença de Dom Odilo. A iniciativa reforçou o compromisso da comunidade local com a memória das vítimas e com a promoção da paz entre os povos.

MASSACRE

O genocídio armênio ocorreu no contexto da 1ª Guerra Mundial, quando o então Império Otomano promoveu perseguições sistemáticas contra a população armênia, majoritariamente cristã e presente na região há séculos. A partir de abril de 1915, lideranças comunitárias foram presas e executadas, dando início a um processo organizado de deportações em massa. Centenas de milhares de armênios foram forçados a deixar suas casas e submetidos a longas marchas em direção a regiões desérticas, frequentemente sem acesso a água, alimento ou abrigo.

Esse processo de deslocamento forçado foi acompanhado por massacres, fome e exaustão, resultando na morte de aproximadamente 1,5 milhão de pessoas. O episódio é amplamente reconhecido por historiadores como uma das primeiras grandes tragédias humanitárias do século passado. Em 2015, por ocasião do centenário, o Papa Francisco referiu-se aos acontecimentos como “o primeiro genocídio do século XX”, ressaltando a gravidade histórica dos fatos e a necessidade de preservar a memória como caminho para a construção de um futuro mais justo e fraterno.

Dom Odilo: ‘A justiça humana precisa ser crível e manter o nível de confiança da população que busca seus serviços’

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Magistrados, integrantes do sistema de Justiça, servidores e suas famílias participaram na manhã do domingo, 26, na Catedral da Sé, da 73ª edição da Páscoa da Família Forense, realizada anualmente, desde 1952, entre a Páscoa e a Solenidade de Pentecostes, sendo também ocasião de encontro e reflexão compartilhada da comunidade jurídica.

A Eucaristia foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, que na homilia destacou o papel daqueles que atuam na Justiça como agentes de equilíbrio social. O Arcebispo Metropolitano também enfatizou que a verdade deve orientar as decisões humanas.

“Que Deus abençoe a todos que prestam serviços à sociedade, um verdadeiro chamado que competentemente estão exercendo”, exortou, comentando, ainda, sobre a confiança pública nas instituições: “A justiça perfeita é a justiça de Deus, mas a justiça humana precisa ser crível e manter o nível de confiança da população que busca seus serviços”.

A desembargadora Marcia Regina Dalla Déa Barone, presidente da Co-



Desembargador Francisco Eduardo Loureiro, presidente do TJSP, saúda o Cardeal Scherer

missão Preparatória da Páscoa Forense, agradeceu à Arquidiocese de São Paulo, aos magistrados e servidores envolvidos na organização desta edição da Páscoa Forense. Também integram a comissão deste ano os desembargadores Walter Barone, Flora Maria Nesi Tossi Silva, Vicente de Abreu Amadei e José Antonio de Paula Santos Neto e a juíza Teresa de Almeida Ribeiro Magalhães.

A presidente da Comissão Preparatória da Páscoa Forense também dirigiu saudação ao desembargador aposentado

Antonio Carlos Munhoz Soares, que por muitos anos esteve à frente dos preparativos do evento: “Rogo a Deus que nos mantenha na fé, ilumine nossos passos para guiar nossas vidas, assim como nossas atividades forenses que, por sua natureza, geram muitos reflexos na vida das pessoas”.

O desembargador Francisco Eduardo Loureiro, presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP), ressaltou que magistrados devem reconhecer sua condição finita e falível. Também desta-

cou que julgamentos humanos, embora necessários à convivência em sociedade, não são absolutos e podem ocorrer erros e limitações do conhecimento. Para ele, essa consciência não enfraquece a função judicial. Ao contrário, reforça a importância da prudência, da integridade, da imparcialidade e da humildade na tomada de decisões.

“A tradição da Santa Missa da Páscoa Forense, que aqui se renova, é oportunidade para reafirmarmos princípios de respeito à dignidade humana e o compromisso com a pacificação social. Sejamos, no duro exercício de nosso ofício de magistrados, homens e mulheres que cultivam a caridade na aplicação da lei e que, inspirados pela mensagem pascal, trabalhem pela justiça que a todos reconcilia”, afirmou o presidente do TJSP.

A Páscoa Forense foi idealizada pelo desembargador Manoel Gomes de Oliveira em 1952 e teve suas primeiras edições na Igreja Nossa Senhora da Conceição, no bairro da Santa Ifigênia, à época catedral metropolitana. A partir de 1961, passou a ser realizada no Palácio da Justiça e, nos últimos anos, estabeleceu-se na Catedral da Sé.

(Com informações da Comunicação Social do TJSP)

Editorial

Eutanásia: quando a ‘compaixão’ desumaniza

Neste ano, o tema da eutanásia voltou a ocupar espaço nas manchetes no Brasil e no mundo. Em março, o planeta se chocou com o caso da espanhola Noelia Castillo Ramos, de 25 anos, que, após uma lamentável sequência de eventos – alguns deles causados pelo próprio governo –, recebeu permissão legal para realizar o suicídio assistido. No Brasil, em abril, também ganhou repercussão o caso da professora Célia Cassiano que, após ser diagnosticada com uma doença neurodegenerativa, foi à Suíça para realizar a eutanásia com apoio médico. Casos como esses, cada vez mais frequentes, levantam questões quanto à visão da Igreja e ao papel do Estado: deveria a sociedade rever seus fundamentos e permitir que cada indivíduo encerre a própria vida quando lhe parecer conveniente?

Antes de iniciar esta discussão, vale ressaltar a compaixão para com todos que passam por provações profundas. Sem dúvida alguma, ninguém deseja para si um futuro em que considere o suicídio assistido. É preciso reconhecer

que aqueles que veem na eutanásia uma “saída” o fazem porque enfrentam intenso sofrimento e não encontram, naquele momento, outra forma de superá-lo. A eles cabe, antes de qualquer julgamento, a compreensão de sua condição e a caridade diante de suas dificuldades. Sobre todos que passam por situações semelhantes, São Paulo nos lembra: “Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos, e deste modo cumprireis a Lei de Cristo” (Gl 6,2).

Isto posto, não há verdadeira compaixão em consentir no desespero de alguém. Concordar ou incentivar que um indivíduo tire a própria vida é, objetivamente, um ato gravíssimo, equiparável a um homicídio, ainda que a responsabilidade moral subjetiva possa ser atenuada pelas condições de sofrimento. Ao se consentir tal prática, corre-se o risco de obscurecer o valor mais fundamental para a construção de qualquer civilização: a dignidade da pessoa humana. Cada pessoa possui uma dignidade ontológica infinita, independentemente de

qualquer circunstância. Doenças, traumas ou limitações não são capazes de alterar essa realidade, pois ela pertence à própria estrutura do ser. Essa verdade, acessível pela lei natural, é confirmada desde o princípio, quando Deus cria o ser humano “à sua imagem e semelhança” (Gn 1,26).

Quando a sociedade passa a ignorar esse fundamento e a relativizar o valor da vida, a dignidade humana torna-se dependente de avaliações arbitrárias e mutáveis. Isso gera consequências graves e já conhecidas pela história. No documento *Dignitas infinita*, a Igreja alerta que a história “atesta que o exercício da liberdade contra a lei do amor revelada pelo Evangelho pode alcançar picos incalculáveis de maldade provocada aos outros. Quando isso ocorre, encontra-se diante de pessoas que parecem ter perdido qualquer traço de humanidade” (DI 7). E, diante de um cenário que busca harmonizar a ideia de “leis de morte digna” com o respeito ao valor intrínseco da pessoa, o Magistério reafirma com clareza: “O sofrimento não faz perder ao doen-

te aquela dignidade que lhe é própria [...] mas pode tornar-se ocasião para reforçar os vínculos [...] e tomar maior consciência da preciosidade de cada pessoa” (DI 51).

Dessa forma, concordar com a eutanásia equivale a admitir a eliminação deliberada de um inocente. Em alguns casos, tal posição é influenciada por uma mentalidade utilitarista, marcada pela aversão ao sofrimento e pela idolatria do conforto. Assim, até mesmo o valor fundamental da vida pode ser relativizado, desde que o “problema” seja resolvido com maior facilidade.

Ser cristão, contudo, não é defender o que é mais conveniente, mas o que é correto. Neste tempo em que ideologias atentam contra a vida, somos chamados a acolher e fortalecer aqueles que sofrem e, ao mesmo tempo, a ser como “a voz que clama no deserto”, opondo-nos a uma cultura que frequentemente disfarça injustiças em virtudes. Firmes na fé e na verdade, mantenhamo-nos sempre corajosos ante as dificuldades e perseverantes na defesa da verdade.

Opinião

O impossível é o âmbito de Deus

ANA LYDIA SAWAYA

No mundo da fé e da oração, quando se vive o relacionamento com Deus, é possível acontecer momentos em que, por meio de experiências concretas e reais, o que se deseja apareça absolutamente impossível. Aquilo que nos parece absolutamente impossível, mas profundamente desejado, é exatamente o que Deus vai realizar para nós. Ele o faz quando todas as possibilidades humanas se esgotaram, estamos de mãos vazias e não podemos fazer mais nada.

Entretanto, ainda existe um nível mais profundo a descrever: é no momento em que nos rendemos completamente que Deus age. Ele é Deus e nós somos nada. Esta é a verdade, e quando ela se torna clara aos nossos olhos – palpável - é que entramos em uma relação verdadeira com Ele. Há real “comunicação”, “concordância”. Estamos com Ele e Ele conosco. Nós nos “encontramos”; cada um com a sua natureza. E a natureza de Deus livre dos nossos empecilhos: falta de liberdade, ilusão, presunção, pretensão, orgulho... pode finalmente agir



Arte: Sergio Ricciuto Conte

com todo o seu poder (pois Ele é todo-poderoso) e amor. Não estamos mais “contra” Ele e “contra” nós, mas “com” Ele, pois estamos em nossa posição real: somos nada, mas amados. E, assim, deixamos Deus, finalmente, ser Deus.

A experiência concreta e real do nosso nada permite a Deus demons-

trar-nos todo o Seu amor por nós. Várias vezes fiz esta experiência na vida: diante de um momento de clareza indiscutível do meu nada e da minha impotência para conseguir algo de bom, Deus agiu de maneira maravilhosa diante dos meus olhos.

Mas não é fácil nem indolor chegar a essa experiência do nosso nada.

É preciso que a realidade vá nos despojando de todos os nossos ilusórios recursos humanos. É preciso paciência, confiança, fidelidade ao nosso desejo de bem e deixar que a realidade vá nos mostrando a nossa total impossibilidade. Aqui há um pulo do gato: não se rebelar contra a nossa impotência, nem se desencorajar, mas, ao contrário, abraçar completamente a nossa impotência. Só aí podemos nos entregar totalmente a Deus. E Ele precisa desse “totalmente” para agir, pois Ele respeita e segue acima de tudo a nossa liberdade; nunca a violenta.

Deus é Deus e nós somos nada: esta é a realidade que permite o verdadeiro encontro com Deus, que nos ama e é sempre nosso amigo. Peça-mos a Jesus, Deus-conosco, para que nosso despojamento necessário aconteça muitas vezes para que Ele possa agir com toda a sua liberdade divina em nossa vida.

Ana Lydia Sawaya é monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, Mogi das Cruzes, São Paulo. Foi professora da UNIFESP, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge, e pesquisadora visitante do MIT.

Comportamento

No metrô, um rosto

ALECSANDRO A. DE SOUZA

Oito segundos. É o que dura cada rosto.

Nos vagões do metrô de São Paulo, telas digitais alternam anúncios de consumo com imagens de pessoas desaparecidas. Uma criança. Uma mulher de 43 anos, desaparecida há seis anos. Um jovem cujo paradeiro ninguém conhece. Um idoso que saiu de casa e não voltou. Depois, dentifrícios, financiamentos, promessas de conforto...

Alguém decidiu inserir esses rostos no fluxo publicitário. A intenção é meritória, mas o efeito excede a intenção. Ao justapor consumo e desaparecimento, a tela expõe um limite que nenhuma tecnologia supera: há perdas que não se compensam, não se substituem, não se esquecem.

Quase ninguém olha. No horário de pico, os passageiros se recolhem – fones de ouvido, olhos em telas pessoais. As razões são muitas, e não cabe julgá-las. O que importa é que os rostos continuam ali, e que alguém, em algum lugar, sustenta uma ausência que o tempo não dissolve: acumula.

E, então, a pergunta: o que se faz com o que se viu?

A resposta contemporânea é conhecida. Melhorar sistemas de busca, pressionar autoridades. Tudo necessário. Nada suficiente. Há, porém, uma fidelidade que o pragmatismo não alcança: a de re-

cusar que aquele rosto se torne mais uma informação descartável.

É aqui que o católico desconcerta o mundo secular. Ele reza. Não se trata de magia nem de evasão. A oração não é alternativa à ação. É uma forma de atenção que a ação, sozinha, não sustenta. Quem reza por um desconhecido cujo rosto viu durante oito segundos recusa-se a deixá-lo cair, também ele, no esquecimento. É um gesto gratuito, no sentido mais radical do termo.

E é precisamente essa gratuidade que incomoda. Em uma civilização que mede cada gesto pelo seu rendimento, a oração aparece como desperdício. O que se ganha rezando por alguém que talvez já esteja morto? A pergunta revela mais sobre quem a formula do que sobre quem reza. Supõe que só merece atenção o que produz resultado. E é essa suposição que permite desviar o olhar sem remorso.

O cristão opera em outra lógica. A dignidade de cada rosto não é convenção social nem abstração piedosa. Precede o cálculo. A parábola da ovelha perdida não é uma história para crianças. É a afirmação escandalosa de que a ordem do mundo pode ser interrompida pela ausência de um único ser.

E essa dignidade não cessa nem com a morte. Como recordou Francesco Patton nas meditações da *Via Crucis* da última Sexta-feira Santa, até o corpo de um morto conserva a dignidade da pessoa;

nem mesmo o de um criminoso pode ser ocultado ou privado de sepultura. Se isso vale para os mortos, quanto mais para aqueles cujos rostos passam diante de nós nas telas do metrô.

É por isso que, em um vagão lotado, alguém reza em voz baixa uma Ave-Maria por um rosto que jamais viu. Dirige-se a uma Mãe que percorreu Jerusalém à procura do Filho e lhe pede: rogai por nós. Nesse rogar, há uma confiança radical: quem conheceu a busca não abandona os que ainda buscam. A oração deixa de ser abstração. Torna-se companhia na dor.

Não é preciso aceitar a premissa teológica para reconhecer o que ela produz: a capacidade de sustentar a atenção diante do sofrimento que a pura razão tende a esgotar. A compaixão sem transcendência é real, mas frágil. A oração, porque se apoia em algo que não depende de quem a pronuncia, resiste onde a boa vontade cede.

Não é sentimentalismo. Não é superstição. É a forma mais radical de dizer: este rosto importa. E, às vezes, diante de um rosto que passou por oito segundos, o que cabe não é explicar mais, nem sentir mais, mas rezar. Uma Ave-Maria, em voz baixa, por alguém cujo nome agora sabemos, mas cuja vida não conhecemos, e cuja falta alguém sofre.

Oito segundos. Depois disso, já não será possível dizer que não se viu.

Alecsandro A. de Souza é administrador de empresas

Você Pergunta

Devemos rezar pelos nossos entes queridos na missa?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

A Lourdes, de Taboão da Serra (SP), até me deixou surpreso com sua pergunta: “Padre, na minha paróquia não se colocam mais as intenções dos entes queridos nas missas. Mudaram as regras?”

Eu quero crer, minha irmã, que você está enganada, pois devemos, sim, orar na missa pelos vivos e pelos falecidos. Essas orações estão incluídas nas próprias orações eucarísticas, e fazem parte das preces comunitárias.

Veja, portanto, se você entendeu bem o que o padre determinou na sua paróquia. Essas orações que fazemos por nossos entes queridos mortos e vivos são carregadas de fé, de esperança e amor: de fé na misericórdia de Deus, que é sem limites; de esperança na felicidade de quem amamos aqui neste mundo e na eternidade; e de amor, porque orar pelos outros será sempre um jeito bonito de se amar.

Particularmente a missa, que é a grande oração do povo de Deus, tem que haver preces para vivos e mortos. Como fazer de uma paróquia uma comunidade de comunidades sem que sejam lembrados todos aqueles que ali estão e todos aqueles que temos no coração?

As regras não mudaram, Lourdes. Pode ter mudado a prática pastoral. Converse com seu pároco e entenda direito o que ele determinou.

Espiritualidade

Vinde, Espírito Santo!



DOM EDILSON DE SOUZA SILVA
BISPO AUXILIAR DA
ARQUIDIOCESE NA
REGIÃO LAPA

A solenidade de Pentecostes, celebrada por nós 50 dias após a Páscoa (daí seu nome: penta = cinco), é o coroamento do mistério pascal, revelando a todos os povos o mistério oculto desde os séculos, mas que agora reúne todas as línguas na profissão da única fé. Pentecostes não é um fato do passado, mas o cotidiano da Igreja, pois Ele é o protagonista da missão.

Nesta solenidade, celebramos a vinda do Espírito Santo sobre os discípulos e Maria Santíssima (cf. At 1,14), reunidos no Cenáculo (cf. At 2,1-13); nele, a Igreja nascente faz a experiência do cumprimento da promessa do Espírito Santo feita por Jesus (cf. At 1,4-5,8; Lc 11,13; Jo 3,5-6; 14, 17,26 etc.); já predita por João Batista (cf. Mt 3,11; Mc 1,8 e Lc 3,16) e pelos profetas (cf. Is 32,15-20; Ez 37,14 e Jl 2,28ss).

Pentecostes, no Antigo Testamento (cf. Ex 23,16; Lv 23,15-21), era uma das três festas de peregrinação ou festas da colheita, celebrada no fim de sete semanas a partir do segundo dia de “pessach” (Páscoa)¹, na qual celebrava-se os frutos da colheita, mas principalmente, o momento da revelação do Decálogo a Moisés e aos israelitas, no Monte Sinai². Nesse dia, nas sinagogas, decoradas com flores e plantas para lembrar que o Sinai, seco e árido, se revestiu de flores e vida no momento da revelação de Deus, se fazia a leitura do Decálogo (Dez Mandamentos) ao povo.³

Na Nova Aliança, porém, Pentecostes toma novo sentido. João Batista e Isaías diziam que o Messias seria portador do Espírito (cf. Is 11,1-3; 42,1-6; Lc 3,16), e Jesus, ungido pelo Espírito em seu batismo, fez a promessa: “Eu pedirei ao Pai, e Ele vos dará um outro Consolador, para estar convosco para sempre, o Espírito da verdade” (Jo 14,16). Ele afirma que o Espírito ensinará todas as coisas e recordará tudo quanto ensinou (cf. Jo 14,26), dará testemunho Dele (Jo 15,26) e guiará para toda a verdade (cf. Jo 16,12s), recebendo do que é Dele (cf. Jo 16,14), isto é, tanto a Palavra – Jesus é a Palavra encarnada – quanto os frutos da reden-

ção operada por Ele na história. Mediante o Mistério Pascal, Jesus se dá ao Pai e é dado pelo Pai aos homens. Jesus se dá de uma maneira nova aos apóstolos e à Igreja, no dom do Espírito, Pessoa-Dom (cf. São João Paulo II. *Domínium et vivificantem* 23). O Espírito, por sua vez, atualiza e interioriza a obra de Cristo em nós.

Os fatos e imagens descritos nos Atos dos Apóstolos (cf. At 2) levam a cumprimento aquilo que no Antigo Testamento o Pentecostes apontava: a Lei, entregue por Deus a Moisés no Sinai em tábuas de pedra (cf. Ex 19-20), agora é escrita no coração daqueles que adorarão o Pai em espírito e verdade (cf. Jo 4,23); no Sinai, só Moisés possui o espírito profético e só a ele Deus se manifesta, mas agora o Espírito Santo é derramado sobre todos os discípulos e faz neles Sua morada; o Sinai revestiu-se de vida quando o Senhor se manifestou, mas agora o Espírito insufla a vida no Corpo de Cristo, a Igreja, e faz florescer seus dons para que ela seja testemunha do Ressuscitado e sinal do Reino de Deus no mundo.

Com Pentecostes nasce a Igreja missionária. Os discípulos venceram o medo e anunciaram com destemor a Boa-Nova (cf. At 2,14ss). Ao contrário de Babel, em que as línguas se dividiram

(cf. Gn 11,5-9) e os povos se dispersaram, em Pentecostes todos compreendem o anúncio das maravilhas de Deus (cf. At 2,3-6) e são chamados a viver em comunhão, como prenúncio da fraternidade plena na Jerusalém celeste, onde Deus, que é amor, será tudo em todos.

Assim como os apóstolos, nós recebemos “a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (parresia), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente” (EG 259). Ungidos pelo Espírito, que recebemos no Batismo e na Crisma, tornamo-nos testemunhas de Cristo (cf. At 1,8) e a Igreja precisa de evangelizadores com espírito que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo (cf. EG 259). Peçamos a Ele, o Pai dos Pobres, que venha em socorro de nossa fraqueza (cf. Rm 8,26) e distribua seus dons, que são para o bem comum (cf. 1Cor 12,7), a edificação do Corpo de Cristo e o crescimento do Reino de Deus: “Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor!”

¹ Cf. Alan UNTERMAN. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1992, p. 206 (cf. verbete “Pessach”).

² Idem, p. 206.

³ Idem, p. 206.



Bispos do Brasil aprovam novas Diretrizes e apontam rumos para a missão da Igreja

EM APARECIDA (SP), ASSEMBLEIA GERAL DA CNBB É CONCLUÍDA COM FOCO NA EVANGELIZAÇÃO, NA REALIDADE DO PAÍS E NA COMUNHÃO ECLESIAL

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) concluiu, na sexta-feira, 24, em Aparecida (SP), sua 62ª Assembleia Geral, realizada no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Após dez dias de trabalhos, o episcopado brasileiro encerrou o encontro com a aprovação das novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE), além da publicação de mensagens dirigidas ao povo de Deus e ao povo brasileiro, consolidando um processo de discernimento pastoral marcado pela escuta, diálogo e reflexão sobre os desafios contemporâneos.

Tema central da Assembleia, as Diretrizes foram aprovadas após amplo processo de análise em plenário e nos grupos por regionais, que apresentaram contribuições ao texto ao longo da semana. Os bispos também aprovaram que as novas DGAE terão vigência de seis anos. O documento aprovado ainda passará por ajustes redacionais e revisões antes de sua publicação oficial. A etapa seguinte será a sua apresentação no Encontro de Coordenadores de Pastoral 2026, previsto para ocorrer de 20 a 24 de julho, em Brasília (DF).

CENTRALIDADE DO EVANGELHO

Durante a coletiva de imprensa conclusiva, o Cardeal Jaime Spengler, Arcebispo de Porto Alegre (RS) e Presidente da CNBB, explicou que “as Diretrizes não são um plano fechado, mas um instrumento de orientação que indica caminhos para a ação evangelizadora”. Segundo ele, o texto aprovado procura oferecer referências seguras para a missão da Igreja diante das mudanças culturais e sociais do tempo presente, sem perder de vista a centralidade do Evangelho.

Dom Jaime também sublinhou o processo de construção do documento, sublinhando seu caráter participativo. “É um texto que nasce de um caminho feito com muitas mãos, com escuta e discernimento, procurando responder aos desafios da realidade”, afirmou o Presidente da CNBB, destacando que a riqueza das Diretrizes está justamente na capacidade de articular unidade e diversidade, oferecendo orientações comuns que respei-

tam as diferentes realidades das Igrejas particulares.

Dom Ricardo Hoepers, Bispo Auxiliar de Brasília (DF) e Secretário-geral da CNBB, enfatizou que o documento aprovado representa um importante passo para a caminhada pastoral da Igreja no Brasil. “Foi um processo longo, com a participação de muitas instâncias, o que confere ao texto consistência e representatividade”, sublinhou, recordando ainda a importância da etapa de recepção. “Agora começa um outro momento, que é o de fazer com que essas Diretrizes cheguem às dioceses e sejam assumidas na prática pastoral”, disse.

Ainda de acordo com os membros da presidência, as DGAE procuram responder a desafios concretos da realidade brasileira, como as mudanças no cenário religioso, o enfraquecimento dos vínculos comunitários e as diversas situações de vulnerabilidade social, reafirmando a necessidade de uma ação evangelizadora que una anúncio, formação e compromisso com a vida.

CAMINHO SINODAL

Segundo apurou a reportagem do **O SÃO PAULO**, o texto aprovado é apresentado como um instrumento de implementação concreta do caminho sinodal na Igreja no Brasil, mais do que um simples conjunto de orientações gerais. O documento articula fundamentos teológicos, análise da realidade e indicações pastorais. A proposta parte

da compreensão da Igreja como espaço de acolhida e encontro, desenvolve uma leitura dos “sinais dos tempos” e avança para um discernimento que integra comunhão, participação e missão.

O documento dedica especial atenção ao papel do povo de Deus em sua diversidade – leigos, ministros ordenados, vida consagrada e diferentes vocações –, com destaque também para a presença de grupos específicos na vida eclesial. Ao tratar dos caminhos da missão, as DGAE indicam eixos pastorais que passam pela centralidade da Palavra, pela iniciação à vida cristã, pela vida comunitária, pela liturgia e pelo serviço à vida plena, incluindo a atenção às questões socioambientais.

Outro elemento central é a imagem da Igreja como “tenda”, apresentada como referência para a ação evangelizadora. Essa metáfora, destacada no Documento Final do Sínodo sobre a Sinodalidade, inspira uma Igreja aberta, capaz de acolher e escutar, ao mesmo tempo em que se mantém firmemente enraizada na fé. Nesse sentido, as Diretrizes reforçam que a missão evangelizadora é constitutiva da Igreja e não pode ser reduzida a ações pontuais ou meramente assistenciais, insistindo na centralidade do anúncio de Jesus Cristo.

MENSAGENS

Ao final da 62ª Assembleia Geral, a CNBB divulgou sua “Mensagem ao Povo de Deus”, marcada pela esperança pascal e pelo chamado à comunhão. No texto,

os bispos reafirmam o compromisso de evangelizar e recordam que toda a Igreja é corresponsável pela missão, independentemente do ministério exercido. Inspirados pelas palavras de Jesus – “Como o Pai me enviou, eu também vos envio” –, destacam a necessidade de uma Igreja que escuta, acolhe e serve, fortalecida pela oração e pela unidade, em atitude permanente de fidelidade ao Evangelho.

Na “Mensagem ao Povo Brasileiro”, os bispos expressam atenção à realidade social do País, reconhecendo tanto sinais de esperança quanto desafios urgentes. O texto aponta para um cenário marcado por desigualdades, pobreza e agravamento da violência, que atingem especialmente os mais vulneráveis, e conclama toda a sociedade a assumir responsabilidades na promoção da dignidade humana e da justiça social. Ao mesmo tempo, valoriza iniciativas de solidariedade, defesa da vida e compromisso com o bem comum como sinais concretos de transformação e esperança.

Em ambas as mensagens, o episcopado brasileiro convida à superação das divisões e ao fortalecimento do diálogo, ressaltando que a fé cristã deve ser fermento de unidade e reconciliação. Os bispos encorajam os fiéis e toda a sociedade a perseverarem na construção de uma cultura de paz, fundada na fraternidade, na escuta e no respeito mútuo, reafirmando que a esperança cristã se traduz em compromisso concreto com a vida, especialmente junto aos pobres e sofredores.



Bispos do Regional Sul 1 participam da 62ª Assembleia Geral da CNBB, realizada no Santuário de Aparecida, entre os dias 15 e 24

Igreja avança na prevenção e combate a abusos contra menores e vulneráveis

NA 62ª ASSEMBLEIA GERAL DA CNBB, FOI FIRMADO UM PROTOCOLO DE INTENÇÕES SOBRE O TEMA ENTRE A CONFERÊNCIA EPISCOPAL, A CRB E A PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A TUTELA DE MENORES

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Promover, por meio de iniciativas conjuntas, uma cultura de cuidado, prevenção e combate a abusos sexuais cometidos contra menores e adultos vulneráveis é o objetivo do protocolo de intenções firmado no dia 21 entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e a Pontifícia Comissão para a Tutela de Menores.

A assinatura ocorreu durante a 62ª Assembleia Geral da CNBB, em Aparecida (SP), pelos presidentes destas instituições eclesiais: Dom Thibault Verny (Pontifícia Comissão), Cardeal Jaime Spengler (CNBB) e Irmã Maria do Disterro Rocha Santos (CRB).

Por meio do protocolo, organizado em sete cláusulas, as signatárias se comprometem, entre outros aspectos, a promover e fortalecer processos permanentes de informação pastoral, teológica e institucional nas diversas instâncias da Igreja; incentivar a cooperação entre dioceses, institutos, sociedades e organismos eclesiais, favorecendo a comunhão e a responsabilidade na missão; implementar boas práticas institucionais e pastorais que contribuam para o ambiente de relações saudáveis e promoção da cultura do cuidado da Igreja; e colaborar na promoção de ações preventivas e formativas de proteção de menores e adultos vulneráveis, em consonância com as orientações da Igreja.

Por menor entende-se toda “pessoa com idade inferior a 18 anos”, sendo também assim considerado quem habitualmente tenha uso imperfeito da razão; e considera-se adulto vulnerável “toda pessoa em estado de enfermidade, deficiência física ou psíquica, ou de privação da liberdade pessoal que, de fato, mesmo ocasionalmente, limite a sua capacidade de entender ou querer e, em todo o caso, de resistir à ofensa”. As definições estão na carta apostólica em forma de *motu proprio Vos Estis Lux Mundi*, publicada pelo Papa Francisco em 2019 e atualizada em 2023, com normas para prevenir e combater tais abusos sexuais.

RECONHECER A VERDADE

Em sua fala aos bispos, Dom Thibault Verny apontou que o trato deste assunto requer tanto humildade – “não estamos aqui para dar lições com ar de superioridade sobre a prevenção e a situação de abuso” – quanto fraternidade – “desejamos caminhar com vocês, ombro a ombro, e ouvi-los”. Ele destacou que reconhecer a verdade sobre o tema nem sempre é fácil, mas é indispensável: “Quando a Igreja realiza o trabalho com a verdade em auxílio às vítimas, anuncia a Boa-Nova”.

A canonista Cláudia Giampietro, oficial da Pontifícia Comissão, convidou os bispos a pensarem em como tornar mais visível aquilo que já existe em suas dioceses para a proteção aos menores e vulne-



Dom Thibault Verny (ao centro), Cardeal Jaime Spengler e Irmã Maria do Disterro Rocha Santos assinam protocolo de intenções

ráveis. “A visibilidade, no caso da prevenção, não é uma questão primária, é um ato de justiça para quem eventualmente precisa encontrar uma porta aberta”.

Na Arquidiocese de São Paulo, por exemplo, desde fevereiro de 2020 existe a Comissão Arquidiocesana de Tutela contra Abusos Sexuais a Menores e Adultos Vulneráveis, e em setembro de 2023 foram publicadas as Diretrizes para a Proteção de Menores e dos Adultos Vulneráveis contra Abusos Sexuais.

ATENÇÃO PERMANENTE

Ainda no dia 21, em coletiva de imprensa, o Cardeal Jaime Spengler assegurou que a Igreja tem agido tanto para assegurar a proteção dos menores e adultos vulneráveis quanto para uma ampla conscientização sobre o assunto na sociedade e nos ambientes eclesiais.

“Precisamos trabalhar a prevenção, envolvendo as melhores forças da sociedade. A Igreja tem se dedicado com afinco, mas a questão extrapola os ambientes eclesiais. As nossas crianças, os nossos adolescentes, precisam de todo o cuidado e atenção”, disse o Presidente da CNBB, assegurando que a maioria das dioceses no Brasil já estabeleceu comissões de tutela para o acolhimento de denúncias e realização de ações de formação, de prevenção e de combate aos abusos.

“Uma comunidade cristã experimenta a conversão evangélica quando não se defende da dor daqueles que sofreram, mas permite ser interpelada por ela; quando não minimiza o mal, mas o reconhece; quando não se fecha pelo medo do escândalo, mas aceita trilhar os caminhos exigentes da verdade, da justiça e da cura”

[Papa Leão XIV na mensagem ao II Encontro Nacional de Representantes Territoriais para a Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis, realizado neste mês pela Conferência Episcopal Italiana]

Também participante da coletiva, a Irmã Maria do Disterro Rocha Santos disse que a atenção ao tema na Igreja no Brasil avançou após a criação, em dezembro de 2020, pela CRB Nacional e a CNBB, do Núcleo Lux Mundi, um escritório de auxílio na organização dos trabalhos de instalação das comissões diocesanas: “Nós nos alegamos em hoje celebrar este convênio. Isoladamente, somos fracos. Por isso, precisamos crescer cada vez mais em várias redes, para que a vida seja prioridade, e para que nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos vulneráveis possam cada vez mais ser cuidados”.

Dom Wellington de Queiroz Vieira, Bispo de Cristalândia (TO) e Presidente da Comissão Especial para a Tutela de Menores e Adultos Vulneráveis da CNBB, sublinhou que a Igreja não deve fechar os olhos a este problema, mas sim enfrentá-lo “com clareza, com transparência, com força”. Ele enfatizou que “os abusos sexuais são sempre uma tragédia, seja em ambiente eclesial, seja fora dele. A pessoa abusada sexualmente carrega marcas para sempre em sua vida psíquica, em sua fé, em seu relacionamento com Deus, em sua vida social, em sua vida sexual”.

RESPONSABILIDADE DA IGREJA E DA SOCIEDADE

Dom Wellington mencionou ainda

dados sobre a incidência dos abusos sexuais sofridos por crianças e adolescentes no Brasil: cerca de 70% ocorrem no ambiente familiar e, em uma perspectiva mais alargada, chega-se a 90% dos registros no ciclo de conhecidos da vítima – familiares, amigos e pessoas ditas de confiança.

“Os números da Santa Sé indicam que de 1,5% a 2% do clero no mundo estaria com algum tipo de envolvimento com abuso sexual. Falar no combate ao abuso sexual é, acima de tudo, evangelizar. Um fiel discípulo de Jesus não abusa, não é violento. Portanto, deve haver um discurso amplo sobre a fidelidade ao Evangelho, mas só isso não basta, é necessário ter estrutura de proteção”, comentou o Bispo, sublinhando que as comunidades devem dar atenção à temática e que é obrigação de cada diocese formar uma comissão diocesana para colher as denúncias e dar os devidos encaminhamentos.

Dom Wellington lembrou, ainda, que é fundamental a existência de protocolos para nortear o modo de agir de todos aqueles que estão no ambiente eclesial e não apenas dos ministros ordenados. “A Igreja Católica está muito atenta ao problema e tomando as medidas cabíveis. Temos um trabalho de cuidado, de proteção e de reação aos crimes cometidos, ou seja, de punição aos responsáveis”, enfatizou, explicando que ministros ordenados que cometem tais abusos são passíveis de punição tanto pelo Direito Canônico quanto pelo Judiciário brasileiro.

Na resposta final da coletiva de imprensa, Dom Jaime disse que o combate ao abuso de menores e vulneráveis deverá ser contemplado nas reflexões da Campanha da Fraternidade de 2027, cujo tema será “Fraternidade e o Cuidado das Crianças”.

Estados Unidos

Ministério católico leigo busca transformar infertilidade em fecundidade espiritual

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

Um ministério católico está quebrando o silêncio sobre a infertilidade e oferecendo apoio a casais que enfrentam essa condição. O *Fontes no Deserto* (*Springs in the Desert*, www.springsinthedesert.org no original em inglês), fundado em 2019 por duas mulheres que compartilhavam a mesma dor, Ann Koshute e Kimberly Henkel, cresceu e se tornou uma rede de apoio com retiros, formação paroquial, um programa de acompanhamento para famílias adotivas e um *podcast* com 15 episódios disponíveis.

Ann conheceu o marido mais tarde do que o habitual e presumiu que ter filhos demoraria mais, mas que eventualmente aconteceria. “Afim, achávamos que éramos bons católicos, fazendo tudo certo”, explica. No entanto, a infertilidade tornou-se para o casal o que ela descreve como “uma verdadeira escola de dedicação e um lembrete de que os filhos são uma dádiva, não algo que nos é devido”.

A experiência ensinou-lhe que o desejo de formar uma família “é muito bom e louvável, mas casei-me com uma pessoa, o amor da minha vida, e não com

base em critérios ou expectativas”. Com o tempo, descobriu que Deus estava a satisfazer esse anseio de dar vida “de maneiras verdadeiramente profundas e maravilhosas”, embora diferentes do que ela tinha imaginado.

Um dos principais focos do ministério é combater o isolamento que muitos casais inférteis sentem dentro da própria Igreja. “Existe um sentimento de solidão, infelizmente até mesmo dentro da Igreja, na qual podemos sentir que não correspondemos a um ideal. Parte da nossa missão é mudar a conversa sobre infertilidade para que não seja algo de que se envergonhar”, explica Ann.

A mensagem dela para aqueles que estão passando por essa provação é direta: a santidade não é medida pelo tamanho da família; a infertilidade é uma circunstância e não um castigo ou uma prova de falta de fé; e a capacidade de dar vida não se esgota na geração biológica.

Ann se baseia no conceito de gênio feminino desenvolvido por São João Paulo II para iluminar a vocação das mulheres que não podem conceber. O Papa, explica ela, convida cada mulher a reconhecer em si mesma um coração materno, seja biologicamente, seja por meio da adoção, seja pelas muitas for-

mas de cuidado e atenção dedicadas às necessidades dos outros. A maternidade espiritual, enfatiza ela, “não é um papel secundário ou um prêmio de consolação, mas algo intrínseco à identidade de cada mulher e desesperadamente necessário para a construção de uma cultura da vida”.

Para aqueles que consideram a adoção, o ministério lançou o programa *Fontes de Amor*, que oferece formação em pequenos grupos, testemunhos e apoio paroquial, acompanhando os casais em seu discernimento. Os núcleos paroquiais do programa estão se multiplicando pelos Estados Unidos, com comunidades que oferecem apoio prático, relacional e espiritual às famílias adotivas e de acolhimento.

A iniciativa mais recente da *Fontes no Deserto* é uma série de *podcasts* intitulada “Escrituras e Santos para o Caminho da Infertilidade”, acompanhada de uma novena mariana para momentos de infertilidade, perda e luto. Ann espera que a série ajude a “aumentar a conscientização sobre a necessidade de sensibilidade pastoral em relação à infertilidade e traga conforto e esperança àqueles que trilham esse caminho muitas vezes solitário”.

Fontes: InfoCatólica e National Catholic Register

Europa

Imigração em massa: o grande dilema do continente

Países como Polónia, Dinamarca, Suécia e Hungria estão reforçando suas fronteiras e resistindo à imigração em massa estimulada pela União Europeia (UE) – uma política que trouxe 30 milhões de não europeus ao bloco nos últimos dez anos, sendo 2,1 milhões somente em 2024, e que, em 2025, alcançou um total de 64,2 milhões de estrangeiros em solo europeu, segundo dados de um relatório divulgado no dia 22 pelo Centro de Pesquisa e Análise sobre Migração, da Fundação Rockwool Berlim, na Alemanha.

O estudo revela que a Alemanha ainda possui a maior população imigrante da UE, com quase 18 milhões de pessoas nascidas no exterior residindo no país, um crescimento de cerca de 70% em relação aos 10 milhões em 2010.

A Espanha, por sua vez, apresentou o avanço mais rápido, de 8% – mais que o dobro da média da UE, de 3,4% –, ao incorporar cerca de 700 mil pessoas em 2024 e elevar sua população estrangeira para 9,5 milhões. Sozinha, representou cerca de um terço do aumento de imigrantes em toda a UE e, há poucos dias, na contramão dos demais países do bloco, anunciou a regularização de cerca de 500 mil novos imigrantes.

O relatório aponta que os fluxos migratórios se distribuíram de forma desigual pelo bloco, com vários países registrando proporções mais elevadas de imigrantes em relação ao total de

habitantes: Luxemburgo (51,6%), Malta (32%), Chipre (27,6%), Irlanda (23,3%), Áustria (22,7%), Alemanha (21,2%), Suécia (20,8%) e Bélgica (20,2%), bem acima da média da UE, que é de 14,2%. Lituânia, Hungria e Romênia têm participações abaixo de 10%, enquanto Eslováquia (4,2%), Bulgária (3,8%) e Polónia (2,6%) apresentam os níveis mais baixos.

O atual debate no continente se refere ao impacto da população estrangeira em cada nação, sendo comum a ideia de que os imigrantes diluem as identidades nacionais, consomem recursos do Estado, elevam os índices de criminalidade, especialmente contra as mulheres, e não se integram à população dos países que os recebem.

Eva Vlaardingerbroek, 29, ativista neerlandesa, em discurso no Parlamento da Hungria por ocasião das eleições no país há duas semanas, afirmou: “Nós temos de reivindicar nossa soberania e, mais importante, reverter a imigração em massa. A prioridade número 1 de todos os países europeus afetados pelo excesso de estrangeiros é a remigração [o retorno incentivado ao país de origem do estrangeiro]”.

Se a Europa não endereçar esta questão, em algumas décadas a ‘migração de reposição’ pode evoluir para grau de ‘substituição’, em que os povos nativos já não serão maioria. Isso já está acontecendo na população mais jovem: Eva afirmou que “em Bruxelas,

na Bélgica, 88% de todos os jovens abaixo de 20 anos têm origem estrangeira. Oito em cada nove das grandes cidades alemãs têm mais da metade de crianças abaixo dos 16 anos com passado migratório. E essas crianças não se identificam como europeias”.

No Reino Unido, embora esteja fora da UE, a situação não é diferente. Por causa da grande presença de imigrantes, o inglês deixou de ser a língua principal entre a maioria dos alunos em várias regiões do país, enquanto que no Leste de Londres dois terços das crianças já falam outro idioma. Escolas de Manchester e Northampton receberam mais de 500 mil libras para tradutores, assistentes e materiais de apoio. No país, a verba destinada a essa demanda alcançou o recorde de 539 milhões de libras. O aumento dos gastos em meio à imigração excessiva intensificou críticas sobre o impacto no ensino e no desempenho dos alunos britânicos.

A alegação de Eva não se limita à demografia. Ela argumenta que essas mudanças produzem profundas consequências sociais dentro das escolas e na cultura jovem. Em particular, ela afirma que muitas crianças nativas europeias estão crescendo em ambientes nos quais não mais são maioria, e tal influência externa molda o poder, o *status* e a vulnerabilidade no cotidiano. (JFF)

Fontes: Rockwool Foundation Berlin, InfoMigrants, Deutsche Welle, Medium – Rodaportal e Daily Mail

Liturgia e Vida

5º DOMINGO DA PÁSCOA
3 DE MAIO DE 2026

‘Quem me viu, viu o Pai’ (Jo 14,9)

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

Na Última Ceia, Jesus mostrou claramente que viera do Pai e para o Pai retornaria. Esclareceu e confortou os apóstolos com algumas afirmações preciosas.

“Na casa de meu Pai há muitas moradas, vou preparar um lugar para vós” (Jo 14,2). Ele morreria na cruz para nos dispor um lugar no céu. Segundo Santo Agostinho, as “muitas” moradas são “as diversas dignidades dos méritos dos homens na vida eterna”. Todos os que forem salvos terão uma mesma recompensa: a união com Deus. Contudo, assim como nesta vida podemos possuir um maior ou menor amor a Cristo e ao próximo, também no céu haverá diferentes capacidades de fruição da única visão do Criador. Diversamente deste mundo, no entanto, no céu “não haverá inveja, pois reinará a unidade do amor” (Santo Agostinho). “Cada um receberá a glória que lhe basta” (São Gregório); a felicidade será plena e infinitamente maior do que toda a alegria desta vida.

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6). São Tomás diz que, como Deus, Jesus é a verdade e a vida; e o caminho, como homem. Para se ir ao Pai, é preciso passar pelo caminho que é o Deus-Humanado. Ele é caminho, pois a sua vida narrada no Evangelho responde a um profundo anseio: “Ensina-me, Senhor, os teus caminhos, e caminharei segundo a tua verdade” (Sl 86,11). Além disso, a humanidade de Cristo presente na Eucaristia é a via pela qual nos unimos a Deus já neste mundo: “Quem come minha carne tem a vida eterna” (Jo 6,54). Não por acaso, os cristãos eram chamados “aqueles que são do caminho” (At 9,2).

“Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). Jesus é o Filho de Deus, pois é o “o esplendor da glória do Pai e a expressão de sua substância” (Hb 1,3). Ele “é a imagem de Deus invisível” (Cl 1,15) Desde toda a eternidade, é um com o Pai (por quem é gerado) e o Espírito Santo! Por isso, diz que “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). Para se saber quem é Deus, é preciso se contemplar, conhecer e amar Jesus Cristo. No Batismo, recebemos uma identificação com Jesus que nos torna também semelhantes ao Pai e, assim, nos tornamos “filhos no Filho”.

“Quem acredita em mim fará as obras que eu faço, e fará ainda maiores” (Jo 14,12). As obras que Jesus realizou são o sinal de que Ele veio do Pai. Ora, o sinal de que também nós fomos gerados espiritualmente “de Deus” (Jo 1,13) é, portanto, que façamos obras semelhantes às de Cristo. A primeira delas é o amor a Deus e ao próximo, exercitado com atos concretos. Os santos, ao longo da história, testemunharam a divindade de Cristo fazendo as “suas obras”: amaram profundamente, sofreram o martírio, morreram pelo próximo, converteram indivíduos e nações, realizaram milagres de todas as espécies, perdoaram ofensas, tiveram uma sabedoria e uma força que não pertencem a este mundo.

Peçamos ao Senhor que O conheçamos e O amemos e, assim, realizemos obras como as suas e passemos a eternidade na casa do nosso Pai.

CADERNO ESPECIAL

Fé e Cidadania

O SÃO PAULO

Edição 36
29 de abril de 2026



Use o QRCode para
acessar o Caderno
Fé e Cidadania
na internet, com
mais artigos e links
citados.

A paz é possível

Arte: Sergio Riccio Conte



Vivemos um tempo em que a palavra paz parece cada vez mais distante da realidade cotidiana. Os conflitos se multiplicam, os arsenais crescem e a linguagem da força ressurgue com uma naturalidade que deveria nos inquietar. Nesse cenário, se torna ainda mais necessário parar, refletir e perguntar: é possível outro caminho? Os textos reunidos nesta edição do Caderno Fé e Cidadania partem exatamente dessa pergunta. Os diferentes artigos não se rendem ao pessimismo fácil nem à ingenuidade de quem fecha os olhos para a violência do mundo. Ao contrário, enfrentam a realidade com rigor e honestidade, buscando nela as sementes de uma paz que não seja apenas ausência de guerra, mas construção ativa de justiça, verdade, liberdade e amor. Da análise das estruturas que perpetuam os conflitos às experiências históricas que mostram ser possível superar séculos de ódio, passando pela palavra dos Papas, convidam toda a humanidade a uma verdadeira revolução interior. Não há receitas prontas nem discursos fáceis. Há, sim, um convite sério e urgente à reflexão sobre o mundo que estamos construindo e sobre o tipo de paz que queremos – e que somos capazes de viver.

Wagner Balera*

O mundo vive hoje em crescente tensão. Quase como se quisesse superar os tempos sombrios da Guerra Fria. Nessa conjuntura, parece ressoar com maior vigor o apelo que São João XXIII dirigiu à humanidade há mais de 60 anos. Lá, como agora, a paz parecia buscar apoio no crescente medo do adversário.

Não é despido de valor o roteiro engendrado pela *Pacem in terris*, que enxerga quatro elementos centrais para o exame da questão. Tais vetores constituem a base moral da convivência humana e das relações entre os povos. Quando a verdade é manipulada, quando a justiça é sacrificada a interesses imediatos, quando a liberdade é negada e o amor social desaparece, o terreno da guerra se torna fértil.

A primeira reação à guerra é a verdade. Quem joga com a verdade não inventa armas que o adversário não possui, tampouco amplifica os arsenais. É a mentira que causou a desastrosa guerra no Oriente Médio, em passado recente e que não difere

muito da problemática atual.

Segue-se a questão da justiça. Nenhuma guerra é justa quando se pretende a aniquilação do adversário ou sua rendição cabal ao vitorioso. Não são poucos os que consideram a submissão do vencido na Primeira Guerra Mundial como o estopim que, criando instabilidade em pouco tempo desencadeou o segundo e mais brutal conflito global.

Ademais, ainda em linha com São João XXIII, a busca da liberdade é a via segura para a paz mundial. Liberdade como libertação de todas as necessidades materiais e de todas as restrições à livre manifestação de pensamento e de crença.

Por fim, a paz depende do amor ou, mais precisamente, da busca incessante do que São Paulo VI denominou a civilização do amor.

A paz será possível desde que se respeite e se reconheça a necessidade absoluta de uma autoridade mundial, como instância mediadora de conflitos e de concreto controle dos armamentos, sobretudo das armas nucleares. A escolha consciente dos povos, que querem a justiça, que fortalecem a cooperação,

depende de esforços concretos, de pautas e de tempos bem definidos. Quem despreza ou ignora a autoridade mundial engendra e promove a guerra. Desde a sua fundação e nas assembleias anuais, as Nações Unidas têm reiterado a necessidade de limitar e reduzir os arsenais militares, com especial atenção às armas nucleares. Há tratados e mecanismos de controle que urge respeitar nos quais a proliferação nuclear é vedada. Ainda recentemente, o Papa Leão XIV renovou essa [súplica pelo desarmamento em forma de oração](#).

É forçoso reconhecer que os obstáculos se mostram bastante persistentes. Rivalidades históricas, estratégicas e um bastante significativo sectarismo religioso parecem incutir a produção cada vez mais intensa de armamentos, que alimentam a modernização de arsenais e reativam a lógica da dissuasão nuclear. É a volta inaceitável da linguagem da força, em detrimento do diálogo travado no foro apropriado e com estrita observância do regramento do direito internacional. As soluções pacientemente armadas pelos canais diplomáticos parecem ceder passo à

brutalidade e às atitudes unilaterais. Tudo a reforçar o que parece consistir em ataque planejado à existência e ao funcionamento dos organismos multilaterais.

Os instrumentos disponíveis para a preservação da paz exigem, como requisito de viabilidade operacional, a boa vontade e o diálogo como único caminho para a solução das controvérsias. Cumpre insistir, oportuna e inoportunamente, com o tema da civilização do amor. Eis o projeto histórico que exige instituições aptas a promover a paz na terra aos homens de boa vontade. De pronto, iniciar o desarmamento, sobretudo o nuclear, como Leão XIV pediu na inspirada oração cunhada para estes tempos.

Enquanto existirem propósitos ocultos ou não tão ocultos de dominação, não haverá ambiente para a construção de um caminho para a paz. A política internacional, animada pelo bem comum universal, como se sabe, não pode prescindir da verdade e dos compromissos éticos.

* Professor titular de Direitos Humanos na Faculdade de Direito da PUC-SP.

Da paz armada à paz desarmante: entre a dissuasão e a solidariedade

Leão XIV, em sua mensagem para o LIX Dia Mundial da Paz, pediu uma “paz desarmada e desarmante, humilde e perseverante”, que “provém de Deus, que nos ama a todos incondicionalmente”. Mas será esta uma ilusão utópica, irrealista, ou um ideal orientador, que caminha realisticamente para um mundo mais pacífico?

Pessoas reunidas ao redor dos escombros de uma casa destruída na guerra de Gaza/ Jaber Jehad Badwan



Francisco Borba Ribeiro Neto*

Vivemos o período de maior instabilidade global desde o fim da Segunda Guerra Mundial. [O mundo enfrenta hoje 61 conflitos armados ativos – o número mais alto registrado desde 1946](#). Suas consequências diretas atingem centenas de milhões de pessoas submetidas ao horror da violência sistêmica, do deslocamento forçado e da fome severa. Não estamos diante de uma crise passageira: trata-se de uma tendência estrutural, com o número de conflitos tendo [quase dobrado nos últimos cinco anos](#).

No entanto, a percepção pública sobre essa realidade é profundamente filtrada por uma visibilidade assimétrica. Os chamados “conflitos midiáticos”, como a guerra na Ucrânia e o confronto Israel-Hamas, concentram ações diplomáticas e manchetes globais. Embora a gravidade desses conflitos seja inegável, o foco exclusivo sobre eles oculta as “guerras esquecidas”, que acumulam muito mais vítimas em seu conjunto. O silêncio sobre a tragédia no Congo – com [5,4 milhões de mortes estimadas entre 1998 e 2007](#) – ou sobre conflitos devastadores no Sudão, no Sahel e em Mianmar revela como a geopolítica do interesse molda nossa empatia: o sofrimento humano é hierarquizado conforme a relevância estratégica da região.

O INVESTIMENTO EM DISSUAÇÃO E GUERRAS PREVENTIVAS É VÁLIDO?
Investir em uma escalada armamentista

para se mostrar forte e dissuadir inimigos ou atacá-los antes que se tornem perigosos (guerra preventiva) são estratégias válidas para alcançar a paz? Os defensores do autoprotelado “realismo político” afirmam que o poder é a única linguagem que os Estados compreendem. Seus críticos consideram que essa postura intimida populações e instiga a guerra, gerando uma insegurança permanente.

A dissuasão, baseada na força das próprias armas comparadas às do inimigo, orientou a Guerra Fria (1945–1991) e é frequentemente creditada por ter evitado um confronto direto entre EUA e URSS. Crises como a dos mísseis em Cuba (1962) mostraram que a ameaça de aniquilação total funciona como freio de emergência.

Entretanto, a dissuasão pode alimentar uma funesta corrida armamentista. A Guerra do Yom Kippur (1973) provou que a dissuasão falha quando os objetivos políticos e a honra nacional superam o medo da derrota: mesmo diante da superioridade israelense, Egito e Síria optaram pelo ataque. A evidente superioridade militar de Israel não trouxe paz e tranquilidade nem para judeus, nem para árabes – apenas fomenta a busca por formas cada vez mais eficientes e devastadoras de infligir dor ao adversário.

Ainda mais controversa é a lógica da guerra preventiva. A Operação Ópera (1981), em que Israel destruiu o reator nuclear iraquiano de Osirak, é citada como exemplo de sucesso. Mas a Guerra do Iraque (2003) representa o fracasso mais trágico e mais recente dessa lógica: lançada

para neutralizar armas de destruição em massa que nunca foram encontradas, a invasão desestabilizou todo o Oriente Médio e criou o vácuo de poder que permitiu o surgimento do Estado Islâmico.

Os argumentos contra a guerra preventiva são devastadores: ela se baseia em lacunas de informação e especulações sobre intenções futuras, é geralmente considerada uma agressão ilegal pelo direito internacional e frequentemente serve de pretexto para encobrir empreendimentos militares com intenções hegemônicas ou interesses econômicos.

A ECONOMIA DA MORTE: O COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR. O esforço de guerra tem um custo econômico. Em 2024, [os gastos militares globais atingiram a marca de 2,7 trilhões de dólares](#) – o décimo ano consecutivo de crescimento e a alta mais acentuada desde o fim da Guerra Fria. Naquele ano, o governo russo, em guerra com a Ucrânia, gastou praticamente no esforço de guerra o dobro que com saúde (cerca de [7%](#) contra [3,7%](#) do PIB). O governo de Israel, em guerra com o Hamas, [gastou mais com o esforço militar](#) do que com a saúde (8,8% contra 5,2% do PIB).

Dwight Eisenhower, presidente norte-americano (1953–1961) e um dos maiores comandantes militares da Segunda Grande Guerra, considerou o investimento na corrida armamentista um “roubo” contra aqueles que passam fome e frio: estima-se que aproximadamente 14% do gasto militar global anual seria suficiente para [a erradicação da pobreza](#)

[extrema](#), garantindo também o [acesso universal à educação básica](#) e [a serviços essenciais de saúde](#) nos países em desenvolvimento.

A guerra e a manutenção da “paz armada”, baseada em dissuasão e guerras preventivas, são um negócio altamente rentável. O próprio Eisenhower denunciou a existência de um complexo industrial-militar, no qual grandes corporações voltadas à fabricação de armamentos se aliam a chefes militares e lideranças políticas para forçar o aumento de investimentos em armas – valendo-se de financiamentos bilionários a campanhas eleitorais e a influenciadores que exageram ameaças globais para justificar novas armas, além de contratar altos oficiais aposentados para cargos importantes em fabricantes de armas, criando um conflito de interesses estrutural.

Nos Estados Unidos, o setor de defesa gastou [101 milhões de dólares em lobby](#) apenas nos primeiros três trimestres de 2022, ano em que o [Congresso aprovava o maior orçamento do Pentágono](#) da história até então: 858 bilhões de dólares. Sintomaticamente, entre 1960 e 2026, apesar de o país ter sofrido apenas o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, as tropas norte-americanas estiveram envolvidas em algum conflito militar externo em praticamente todos esses 66 anos. [Desde 2001](#), cerca de 7 mil militares morreram em combate – enquanto mais de 30 mil veteranos de conflitos pós-11 de setembro tiraram a própria vida. São os custos humanos e econômicos da paz armada.

Manifestação pacifista em Londres/ Alisdare Hickson



GUERRA, MENTIRA, DESUMANIZAÇÃO E COESÃO.

Nenhuma guerra começa sem que o agressor convença sua população de que a paz é mais perigosa do que o conflito. Toda guerra moderna é precedida por uma “máquina de mentiras” que mascara os verdadeiros interesses em jogo. No Iraque, em 2003, a mentira das armas de destruição em massa criou o terror de um ataque iminente que nunca existiu. Na Ucrânia, em 2022, o pretexto da “desnazificação” mascarou ambições imperialistas russas sob uma falsa urgência moral. Além disso, para que uma sociedade aceite o extermínio, é necessário silenciar a empatia. Não se mata o semelhante – mata-se um “adversário” despojado de humanidade, apresentado apenas como um perigo a ser removido. Não são pessoas, são “terroristas”, “infiéis” ou “agressores”. As mortes de civis são higienizadas sob o eufemismo “danos colaterais”, diluindo a culpa individual e coletiva. Ao transformar o inimigo em um ser sem traços humanos, a propaganda justifica a violência desmedida como ato nobre. É notável como os lados opostos de um conflito frequentemente desenvolvem visões simétricas: ambos se veem como “virtuosos defensores”, enquanto retratam o outro como “loucos violentos”.

A guerra contra o inimigo externo é também um poderoso elemento de coesão interna, oferecendo um senso de identidade e destino comum. A ditadura argentina em crise conclamou a população para enfrentar a Inglaterra nas Malvinas (1982); regimes autoritários do mundo islâmico convocam permanentemente seus cidadãos para resistir à ameaça representada pela cultura ocidental. A verdade é a primeira vítima da guerra – e superar o conflito exige, antes de tudo, dismantlar as narrativas que nos impedem de ver o humano por trás do “inimigo”, os interesses reais por trás dos alegados.

ORIENTE MÉDIO: O FRACASSO DA PAZ ARMADA. O Oriente Médio é a antítese perfeita de um sistema de paz duradoura. O mundo árabe vive um equilíbrio precário, com a legitimidade das fronteiras

nacionais constantemente tensionada por identidades transnacionais e pela rivalidade entre potências regionais como Arábia Saudita e Irã. Essa situação de conflito permanente é alimentada pela fragilidade das instituições civis, que leva os Estados a priorizarem o aparato militar em detrimento do desenvolvimento social.

Israel, cercado objetivamente por inimigos que querem seu extermínio, acostumou-se a uma situação de paz armada que se tornou uma permanente condição de pré-conflito ou conflito aberto. Ami Ayalon, herói de guerra israelense e ex-chefe do Shin Bet, um dos serviços de segurança interna mais eficientes do mundo, publicou, em 2020, o livro *Friendly fire* (“Fogo amigo”), mostrando que as ações militares e os ataques antiterroristas israelenses, apesar de esmagadores em seu potencial de fogo, não conseguem deter seus inimigos – pelo contrário, parecem torná-los mais numerosos. Sua conclusão é devastadora: “Matar líderes terroristas sem considerar o desespero de seus apoiadores é uma missão tola e produz mais frustração, mais desespero e mais terrorismo. Quanto mais ‘vencemos’ uma guerra tão mal concebida, mais transformamos a nossa sociedade em uma distopia orwelliana em que a verdade e a mentira são indistinguíveis”.

É aqui que a retórica da “guerra justa” é mais manipulada para justificar ataques desproporcionais: a segurança buscada apenas pela força será sempre uma trégua violenta à espera do próximo ataque.

O EXEMPLO EUROPEU. Em contraposição ao Oriente Médio, a Europa do pós-guerra oferece um roteiro para a “paz desarmante”. O continente vinha de uma “guerra mundial com cerca de 60 milhões de vítimas, a maioria civis. De 1870 a 1945, só França e Alemanha haviam entrado em guerra três vezes. Era um continente exausto de violência que, paradoxalmente, parecia incapaz de encontrar paz.

O milagre europeu foi fruto de uma arquitetura política que privilegiou a integração e a interdependência, sob a liderança de três estadistas católicos: Konrad

Adenauer (Alemanha), Robert Schuman (França) e Alcide De Gasperi (Itália). A partir de sua formação cristã, perceberam que a paz só poderia ser alcançada com a superação dos ressentimentos, o perdão e a fraternidade. Realistas, construíram instrumentos políticos concretos; homens de fé, compreenderam que essa construção implicava também uma mudança de mentalidade.

O ponto de virada foi a Declaração Schuman de 1950: em vez de humilhar a Alemanha derrotada, a França propôs colocar toda a produção de aço e carvão – a base da indústria bélica – sob uma autoridade supranacional comum, tornando a guerra não apenas impensável, mas “materialmente impossível”. Desde então, a Europa Ocidental vive seu mais longo período de paz documentado. O modelo substituiu a dissuasão pela interdependência e combateu a desumanização pelo convívio – inclusive com programas como o Erasmus, que promove o intercâmbio estudantil entre países-membros. Em vez de exércitos nas fronteiras, criaram-se tribunais comuns, moeda partilhada e redes de cooperação que tornaram a agressão um suicídio econômico para qualquer Estado-membro.

CAMINHOS PARA UMA PAZ DESARMANTE.

A “paz desarmante” não é uma ilusão utópica, mas um ideal orientador que pode guiar povos e nações para a construção de uma paz verdadeira. Ela não começa nas altas esferas da política internacional, mas no coração de cada pessoa, ganhando paulatinamente novas camadas. Começa com o reconhecimento da humanidade do outro: A guerra se inicia quando o adversário deixa de ser reconhecido como gente e a propaganda que o desumaniza é aceita sem questionamento. Combater esse mecanismo exige promover uma cultura do encontro, na qual o diferente seja reconhecido em sua dignidade e o ressentimento ceda lugar ao perdão – não como esquecimento da injustiça, mas como recusa a deixar que o passado aprisione o futuro. Sem esse trabalho paciente de

reconciliação, qualquer acordo de paz não passa de uma trégua armada.

Vivemos na era da desinformação industrializada, em que algoritmos amplificam o ódio e influenciadores se tornam, voluntária ou involuntariamente, peças de máquinas de propaganda. Meios de comunicação, plataformas digitais e criadores de conteúdo têm a responsabilidade de verificar os fatos, denunciar manipulações e não transformar narrativas convenientes em verdades absolutas.

No plano interno, a democracia é a maior garantia da vocação pacífica de uma nação: não existe povo que queira a guerra quando compreende seus custos reais – os filhos que não voltam, as cidades que viram escombros, as economias que colapsam. Fortalecer o Estado democrático, com eleições livres, parlamentos independentes e controle transparente dos recursos públicos, é um ato de resistência à cultura da guerra.

No plano internacional, é preciso valorizar a interdependência em vez da concorrência. Nações que compartilham recursos, mercados e projetos comuns têm incentivos concretos para não se destruir. Construir vínculos de cooperação e solidariedade transforma a lógica do confronto em lógica do benefício mútuo. – e numerosos acordos de cooperação internacional atestam isso por todo o mundo.

Por fim, é indispensável fortalecer as instituições internacionais. São imperfeitas e contestadas, mas a solução não está em abandoná-las – e sim em aperfeiçoá-las, dotando-as de mais capacidade para mediar conflitos, proteger populações civis, responsabilizar agressores e defender as nações menores frente às potências. A soberania deve ser respeitada, mas não pode ser escudo para a agressão ao outro.

É um caminho longo, mas viável – mais do que viável, necessário, para chegarmos a uma paz verdadeira.

* Sociólogo e biólogo, dedica-se ao estudo das relações entre Igreja e cultura, religião e política, ecologia social e bioética. Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.



Vatican Media

A paz e a fragilidade

Nada tem a capacidade de mudar-nos mais do que um filho. E talvez seja justamente o pensamento nos nossos filhos, nas crianças e naqueles que são frágeis como elas, que nos traspassa o coração (cf. At 2,37). A este respeito, o meu venerado Predecessor escrevia que “a fragilidade humana tem o poder de tornar-nos mais lúcidos em relação ao que dura e ao que passa, ao que faz viver e ao que mata. Talvez por isso, tendamos tão frequentemente a negar os limites e a fugir das pessoas frágeis e feridas: elas têm o poder de questionar a direção que escolhemos, como indivíduos e como comunidade” ([Mensagem de Leão XIV para o LIX Dia Mundial da Paz](#)). Em 2014, o Papa Francisco, os então Presidentes de Israel, Shimon Peres, e da Palestina, Mahmoud Abbas, e o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I, plantaram juntos uma oliveira nos jardins do Vaticano (foto). Um símbolo da paz, que pode crescer frágil, mas há de se tornar grande e forte para o bem da humanidade.

A paz desarmada e desarmante, nas palavras de Leão XIV

O Papa, em sua primeira [mensagem para o Dia Mundial da Paz](#), da qual extraímos os trechos a seguir, lembra-nos do que considera uma “revolução silenciosa” trazida por Cristo: “A paz esteja convosco”.

Redação

“A paz esteja contigo!” Esta antiga saudação, presente ainda hoje em muitas culturas, ganhou novo vigor nos lábios de Jesus ressuscitado na noite de Páscoa. “A paz esteja convosco!” (Jo 20,19.21) é a sua Palavra que não só deseja, mas realiza uma mudança definitiva naqueles que a acolhem e, conseqüentemente, em toda a realidade. [...] E desejo reiterá-lo: esta é a paz do Cristo ressuscitado, uma paz desarmada e desarmante, humilde e perseverante. Ela provém de Deus, o Deus que nos ama a todos incondicionalmente.

[...] A paz existe, deseja habitar-nos, tem o poder suave de iluminar e alargar a inteligência, resiste à violência e a vence. A paz tem o sopro da eternidade [...] Santo Agostinho exortava os cristãos a estabelecerem uma amizade indissolúvel com a paz, para que, guardando-a no íntimo do próprio espírito, pudessem irradiar o calor luminoso ao seu redor. [...] “Se quereis atrair os outros para a paz, tende-a vós primeiro; sede vós, antes de tudo, firmes na paz. Para inflamar os outros, deveis ter dentro de vós a luz acesa” (*Sermão 357*) [...] Antes de ser um objetivo, a paz é uma pre-

sença e um caminho. [...] É um princípio que orienta e determina as nossas escolhas. Também nos lugares onde só restam escombros e onde o desespero parece inevitável, ainda hoje encontramos quem não esqueceu a paz.

[...] Jesus disse aos que estavam com Ele: “Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou”. E imediatamente acrescentou: “Não se perturbe o vosso coração nem se acovarde” (Jo 14, 27). [...] O caminho de Jesus continua a ser motivo de perturbação e medo. E Ele repete com firmeza àqueles que gostariam de defendê-Lo: “Metete a espada na bainha” (Jo 18,11; cf. Mt 26,52). A paz de Jesus ressuscitado é desarmada, porque desarmada foi a sua luta.

[...] Quando tratamos a paz como um ideal distante, acabamos por não considerar escandaloso que ela possa ser negada e que até mesmo se faça guerra para alcançá-la [...] No plano político, essa lógica, muito além do princípio da legítima defesa, é o dado mais atual em uma desestabilização planetária que a cada dia se torna mais dramática e imprevisível [...] Ao longo de 2024, as despesas militares em nível mundial aumentaram 9,4% em relação ao ano anterior, confirmando a

tendência ininterrupta dos últimos dez anos e atingindo o valor de 2,72 bilhões de dólares, ou seja, 2,5% do PIB mundial.

[...] Estamos vendo] um realinhamento das políticas educativas: em vez de uma cultura da memória, que preserve a consciência adquirida no século XX e não esqueça os milhões de vítimas, promovem-se campanhas de comunicação e programas educativos [...] que difundem a percepção de que se vive continuamente sob ameaça e transmitem uma noção de defesa e segurança meramente armada. Todavia, “quem ama verdadeiramente a paz ama também os inimigos da paz” (SANTO AGOSTINHO, *op. cit.*) Assim, Santo Agostinho recomendava não destruir pontes e não insistir com repreensões, preferindo a via da escuta e, na medida do possível, do encontro com as razões dos outros.

[...] A bondade é desarmante. Talvez por isso, Deus se tenha feito criança. [...] “Paz na terra”, cantam os anjos, anunciando a presença de um Deus indefeso, pelo qual a humanidade só pode descobrir-se amada cuidando Dele (cf. Lc 2,13-14) [...] São João XXIII foi o primeiro a introduzir a perspectiva de um desarmamento integral, alcançado somente por meio da renovação do coração e da inteligência [...]

“Nem a renúncia à competição militar, nem a redução dos armamentos, nem a sua completa eliminação [...] se pode levar a efeito, se não se proceder a um desarmamento integral, que atinja o próprio espírito” (*Pacem in terris*, PT 113).

[...] Mais do que nunca, é necessário cultivar a oração, a espiritualidade, o diálogo ecumênico e inter-religioso como caminhos de paz e linguagens de encontro entre tradições e culturas. Em todo o mundo, é desejável que cada comunidade se torne uma “casa de paz”, na qual se aprende a neutralizar a hostilidade por meio do diálogo, na qual se pratica a justiça e se conserva o perdão [...] Aqueles que são chamados a assumir responsabilidades públicas [...] investiguem a fundo qual a melhor maneira de se chegar à maior harmonia das comunidades políticas no plano mundial [...] É o caminho desarmante da diplomacia, da mediação, do direito internacional.

[...] Como viver em um tempo de desestabilização e conflitos, libertando-se do mal? É necessário motivar e apoiar todas as iniciativas espirituais, culturais e políticas que mantenham viva a esperança [...] Que isso seja um fruto do Jubileu da Esperança [...]

Trechos extraídos da [Mensagem de Leão XIV para o LIX Dia Mundial da Paz](#), 01/jan/2026.

Hipertensão: a doença silenciosa por trás de infartos e AVCs

CERCA DE 30% DA POPULAÇÃO ADULTA BRASILEIRA VIVE COM PRESSÃO ALTA E MUITAS VEZES SEM SABER; CONDIÇÃO PODE SE AGRAVAR AO LONGO DOS ANOS

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A hipertensão arterial, conhecida como pressão alta, é considerada um dos principais fatores de risco para doenças cardiovasculares. Muitas vezes, manifesta-se de forma silenciosa, sendo descoberta apenas em situações de emergência. Foi assim com Christiano Rema, 38, síndico, que descobriu a doença em 2017, após passar mal.

“Era um domingo à noite. Fui tomar banho e comecei a passar muito mal. Sentei-me, chamei um familiar e disse: ‘Eu não estou bem, preciso ir ao médico’. Depois disso, apaguei. No hospital, aferiram minha pressão e estava muito alta, 22 por 8. E o mais assustador é que eu não sentia nada antes. Foi totalmente silencioso. Tive um princípio de infarto e fiquei três dias com o lado direito paralisado”, conta à reportagem.

A hipertensão atinge cerca de 30% da população brasileira, conforme dados da mais recente Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas, do Ministério da Saúde. No mundo, a doença afeta cerca de 1,4 bilhão de pessoas, muitas das quais ainda desconhecendo ter esta condição de saúde e, assim, não realizando o tratamento adequado.

Essa característica silenciosa faz com que a hipertensão arterial seja frequentemente descoberta apenas quando já provocou complicações graves, como infarto ou acidente vascular cerebral (AVC).

A pressão arterial considerada normal é aquela abaixo de 12 por 8 (por exemplo, 11 por 7). Quando os valores começam a subir para algo entre 12 por 8 e 13 por 9, já é um sinal de alerta, chamado de pré-hipertensão, indicando que a pessoa precisa cuidar mais da saúde. A partir de 14 por 9, configura-se a hipertensão estágio 1, quando o acompanhamento médico se torna indispensável. Se a pressão chega a 16 por 10 ou mais, o quadro já é mais grave, classificado como hipertensão estágio 2, exigindo maior atenção e, muitas vezes, uso de medicação. Já níveis acima de 18 por 11 são considerados uma crise hipertensiva, uma situação de emergência que requer



PREVENÇÃO E CONTROLE DA HIPERTENSÃO

- * Realizar *check-ups* periódicos, especialmente após os 40 anos;
- * Medir a pressão em condições adequadas (estar em repouso e em ambiente calmo);
- * Controlar doenças associadas, como diabetes, obesidade e colesterol alto;
- * Não confiar em aplicativos e sites para diagnóstico – procure sempre a devida orientação médica;
- * Aferir a pressão arterial regularmente: dos 40 aos 50 anos, isso deve ser feito a cada dois anos; após os 50 anos, anualmente.

CUIDADOS ESSENCIAIS NO DIA A DIA

O tratamento da hipertensão envolve acompanhamento médico e, quando necessário, uso de medicamentos – sempre com prescrição. No entanto, os cuidados diários são determinantes para o controle da doença.

- ✓ Praticar atividade física regularmente (recomenda-se, no mínimo, 150 minutos por semana);
- ✓ Reduzir o consumo de sal;
- ✓ Manter alimentação equilibrada;
- ✓ Evitar tabagismo e consumo excessivo de álcool;
- ✓ Dormir bem e controlar o estresse;
- ✓ Monitorar regularmente a pressão arterial.

OS MARCADORES DA PRESSÃO ARTERIAL

Classificação da PA	PAS (mmHg)		PAD (mmHg)
PA normal	< 120	e	< 80
Pré-hipertensão	120-139	e/ou	80-89
HA Estágio 1	140-159	e/ou	90-99
HA Estágio 2	160-179	e/ou	100-109
HA Estágio 3	≥ 180	e/ou	110

DBHA: Diretriz Brasileira de Hipertensão Arterial; HA: hipertensão arterial; PA: pressão arterial; PAD: pressão arterial diastólica; PAS: pressão arterial sistólica. A classificação é definida de acordo com a PA no consultório e pelo nível mais elevado de PA, sistólica ou diastólica. “A HA sistólica isolada, caracterizada pela PAS ≥ 140 mmHg e PAD < 90 mmHg, é classificada em Estágio 1, 2 ou 3, de acordo com os valores da PAS nos intervalos indicados.” “A HA diastólica isolada, caracterizada pela PAS < 140 mmHg e PAD ≥ 90 mmHg, é classificada em Estágio 1, 2 ou 3, de acordo com os valores da PAD nos intervalos indicados.”

Fonte: Diretriz Brasileira de Hipertensão Arterial – 2025

atendimento imediato, pois há risco à vida (veja detalhes no box acima).

DIAGNÓSTICO E RISCOS

De acordo com Rodrigo Barbosa Esper, cardiologista intervencionista, membro titular da Sociedade Brasileira de Cardiologia e Hemodinâmica, a hipertensão arterial é o principal fator

de risco para doenças cardiovasculares. “O diagnóstico de hipertensão é fundamental, porque essa doença está diretamente ligada ao infarto e ao AVC, que lideram as causas de mortalidade”, explica.

Esper ressalta que a doença é mais comum a partir dos 40 ou 50 anos e pode atingir até 50% das pessoas acima dos 60 anos. “É uma doença muito comum, mas também muito negligenciada, principalmente porque muitos não procuram avaliação médica”, afirma.

“A maioria das pessoas não sente absolutamente nada. Quando surgem sintomas, geralmente a pressão já está muito elevada”, alerta. Por isso, o diagnóstico depende da aferição regular da pressão arterial. “Após os 50 anos, o ideal é medir a pressão pelo menos uma vez por ano; entre 40 e 50 anos, a cada dois anos”, orienta.

PRÉ-HIPERTENSÃO E MUDANÇA DE HÁBITOS

O cardiologista destaca mudanças

recentes nas diretrizes médicas. “Hoje já se fala em pré-hipertensão, quando os níveis estão acima do ideal, indicando maior risco de evolução para a doença. Isso serve como alerta para agir antes que o quadro se agrave”, afirma.

A principal estratégia de prevenção é a mudança no estilo de vida. “A medicação entra quando só isso não é o suficiente”, enfatiza.

Após o diagnóstico, Christiano Rema alterou sua rotina e iniciou tratamento contínuo. “Além da medicação, a principal mudança foi na alimentação mais saudável. Tive que cortar muita coisa, principalmente o sal. Faço acompanhamento médico de três em três meses e aferição da pressão três vezes por dia”, diz.

Esper reforça que a conscientização é fundamental. “Muitas pessoas só descobrem a hipertensão após um evento grave, como um infarto ou AVC. O ideal é que isso não aconteça. O diagnóstico precoce salva vidas”, conclui o cardiologista intervencionista.

Divulgação

7º CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO
PRESERVAR VOZES E ROSTOS HUMANOS
60º Dia Mundial das Comunicações Sociais

Informações e inscrições

SÉ



Lorenzo Gabriel

Na tarde do sábado, 25, em missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, 12 jovens crismandos receberam o sacramento da Confirmação na **Paróquia Nossa Senhora da Assunção e São Paulo – Paróquia Pessoal Nipo-Brasileira São Gonçalo**, Decanato São João Evangelista. Concelebraram os Padres José Enes de Jesus, Pároco, e Kiyoharu Ojima, Vigário Paroquial, e Antônio Messias Gomes Fernandes.

(por Pascom paroquial)

Nos dias 25 e 26, aconteceu o 69º Encontro de Jovens com Cristo (EJC) na **Paróquia Santíssimo Sacramento**, Decanato São Tiago de Alfeu. A atividade reuniu 73 participantes, entre 14 e 28 anos, e teve como tema “Senhor, Admirável Conselheiro Forte”, proporcionando momentos de oração, formação e convivência fraterna. O encerramento foi com a missa presidida pelo Cônego Aparecido Silva, Pároco.

(por EJC da Paróquia Santíssimo Sacramento)

No domingo, 26, os acólitos e coroinhas da **Paróquia São Francisco de Assis**, Decanato São João Evangelista, participaram de uma “formação imersiva”, realizada no Mosteiro da Luz, Decanato São Paulo, e da missa presidida pelo Frei Estêvão Ottenbreit, OFM, Capelão. Também visitaram o Museu de Arte Sacra de São Paulo, finalizando o encontro com um momento de convivência fraterna.

(por Santuário São Francisco)



Pascom paroquial

No domingo, 26, fiéis participaram da celebração pelos 100 anos da **Fundação Paulista de Assistência à Infância – Casa Dom Gastão**, na Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Decanato São Paulo. Fundada em 1926, a instituição dedica-se à educação e ao cuidado de crianças, sendo conduzida pelas Irmãs Dominicanas de São José, que mantêm sua missão formativa e social. A missa foi presidida pelo Padre Camilo Profiro da Silva, SDB, sacerdote colaborador da comunidade salesiana presente na Paróquia.

(por Secretariado de Comunicação Regional)



Juventude Scalabriniana

No domingo, 26, na Paróquia Nossa Senhora da Paz, Decanato São João Evangelista, mais de 20 jovens participaram do **Intercâmbio da Juventude Scalabriniana**. O encontro, marcado por momentos de partilha, formação e integração, reuniu lideranças jovens das paróquias administradas pela congregação em São Paulo. O momento foi também a ocasião da abertura do Ano Vocacional Scalabriniano, com o tema “Reavivar o dom de Deus que está em ti”.

(por Juventude Scalabriniana)

Irmãs de Santa Zita completam 75 anos

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Na segunda-feira, 27, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, presidiu missa na sede da Congregação das Irmãs de Santa Zita, em Higienópolis, Região Sé, por ocasião da memória litúrgica da Santa italiana e pelos 75 anos da instituição.

Fundada em São Paulo em 27 de abril de 1951 pela Madre Maria Amélia da Santíssima Trindade, a Congregação surgiu para consagrar e estabelecer institucionalmente um trabalho junto às empregadas domésticas, o qual começara anos antes com a participação da senhora Maria Amélia de Andrade Reis, na Ação Católica da Arquidiocese de São Paulo, entre o final da década de 1930 e início da década de 1940.

Na sede da Congregação (Avenida Higienópolis, 720) são mantidos trabalhos de recolocação de empregadas domésticas, aulas de alfabetização, leitura, cursos de formação para cuidadores de idosos, acompanhantes hospitalares, babás, cuidados domésticos e costura criativa. Tudo sempre acompanhado pelo trabalho de evangelização das mulheres participantes das ações da Congregação, além de missas diárias.

SOBRE A SANTA

Santa Zita nasceu em Monsagrati, pequena aldeia italiana, em 1218, e cresceu aprendendo os afazeres domésticos com a mãe, que também lhe transmitiu o valor da virtude e do amor a Deus. Com apenas 12 anos, viu sua família em dificuldades financeiras e foi para a cidade de Lucca, onde trabalhou por 48 anos na casa da família Fatinelli, até sua morte, aos 60 anos, em 27 de abril de 1278. Tinha como lema “Mãos no trabalho, em Deus o coração”. Cotidianamente, antes que o dia amanhecesse, ia à Igreja de São Frediano. Lá está sepultado o corpo da Santa, ainda hoje incorrupto.

Por muitas vezes, Santa Zita foi alvo de intrigas, zombarias, vinganças e traições, mas sempre encontrava coragem e segurança em Deus, seu único consolador. Há mais de sete séculos, a simplicidade da Santa é exemplo da santidade vivida nos “pequeninos nadas da trama diária de uma vida de família”.

Canonizada em 1696 pelo Papa Inocêncio XII, Santa Zita é a padroeira das empregadas domésticas.

(Com informações da Irmã Maria Rodrigues Costa - Irmã Lia)

Congregação das Irmãs de Santa Zita



Dom Odilo Scherer, Arcebispo Metropolitano, com as religiosas da Congregação das Irmãs de Santa Zita, no dia 27

ARTE URBANA ‘ACOLHIDA’ NO ARSENAL DA ESPERANÇA

Edoardo Ettore



No dia 21, foi inaugurada a arte urbana ‘Acolhida’, instalada em um muro atrás do Arsenal da Esperança, instituição católica que atende diariamente cerca de 1,2 mil homens em situação de vulnerabilidade social. A obra, de autoria do italiano Edoardo Ettore, pode ser vista a partir do Museu da Imigração pelos passageiros que usam a Linha 10–Turquesa da CPTM, no trecho entre as estações Brás e Juventus-Mooça, e na Rua Palmorino Mônaco, próximo ao número 834. Segundo o Padre Simone Bernardi, a obra “é um convite para que milhares de pessoas conheçam o Arsenal da Esperança e se somem a esse trabalho de apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade”.

(com informações da comunicação do Arsenal da Esperança)

SANTANA



Fernando Fernandes

Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana, presidiu missa na **Casa das Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria**, em honra a Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho, que dá nome à casa. Foi concelebrante o Padre Efigênio Rodrigues da Rocha, Pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida da Boa Viagem, Decanato São Tiago de Zebedeu, onde está situada a comunidade agostiniana. Participou da celebração a Irmã Maria Vasconcelos Fróes, madre superiora das Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria. **(por Fernando Fernandes)**



Marcelo Fagner

No domingo, 26, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, conferiu o sacramento da Crisma a 27 jovens e adultos na **Paróquia São Luiz Gonzaga**, Decanato São Matias, em missa concelebrada pelos Padres Lucas Antônio Gobbo Custódio, CR, Pároco, e José Lorenzo de Maria, CR, Vigário Paroquial. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana destacou a importância da renovação da fé, do compromisso com uma vida nova em Cristo e do testemunho de paz e comunhão, especialmente no ambiente familiar. **(por Marcelo Fagner)**



Fernando Fernandes

No sábado, 25, na **Paróquia Natividade do Senhor**, Decanato São Matias, 172 jovens e adultos receberam o sacramento da Crisma, em missa presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA. Concelebrou o Padre Andres Gustavo Marengo, Administrador Paroquial, com a assistência do Diácono Antônio Ferreira. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana destacou a conversão e a mudança de vida como compromisso do cristão, lembrando que a Crisma é uma experiência de Pentecostes e um envio para viver a fé com coragem e firmeza em Cristo, mesmo diante das dificuldades. **(por Marcelo Fagner)**

LAPA



Pascom paroquial

Em missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, no sábado, 25, na **Paróquia Nossa Senhora Aparecida**, na Vila Anglo Brasileira, Decanato São Simão, 11 jovens e adultos receberam o sacramento da Crisma. Concelebrou o Padre Ailton Bernardo de Amorim, Pároco. **(por Benigno Naveira)**



Benigno Naveira

Na **Paróquia São Pedro Apóstolo**, no Central Parque, Decanato São Simão, 21 jovens e adultos receberam o sacramento da Crisma no domingo, 26, durante missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva. Concelebraram os Padres Geraldo Tadeu Furtado, RCJ, Superior Provincial dos Rogacionistas, e Renan Pinheiro de Oliveira, RCJ, Pároco. **(por Benigno Naveira)**



Pascom paroquial

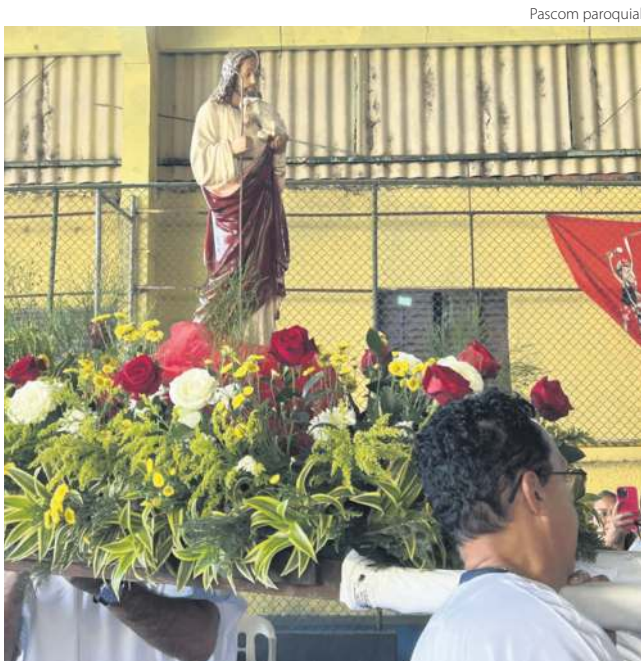
Na tarde de sábado, 25, na **Paróquia Cristo Jovem**, Decanato São Simão, quatro adultos e jovens receberam o sacramento da Crisma, em missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, e concelebrada por Dom José Almir Paim, OSB, Administrador Paroquial. **(por Benigno Naveira)**



Benigno Naveira

Na noite do domingo, 26, na **Paróquia Santo Alberto Magno**, no Jardim Bonfiglioli, Decanato São Bartolomeu, 42 jovens e adultos receberam o sacramento da Crisma, em missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva e concelebrada pelos Padres José Carlos Spinola, Pároco, e Celso de Souza Guedes, Vigário Paroquial. Entre os novos crismados, dois são da Comunidade Nossa Senhora Auxiliadora, e três da Paróquia Santo Antônio de Pádua, no Jardim Bonfiglioli, Decanato São Bartolomeu. **(por Benigno Naveira)**

BRASILÂNDIA



Pascom paroquial

Os fiéis da **Paróquia Bom Pastor**, Decanato São Filipe, festejaram seu padroeiro no domingo, 26, participando da missa celebrada na quadra localizada próxima à igreja matriz. A Eucaristia foi presidida pelo Padre Edmundo Chipulo, CSSp, Vigário Paroquial, tendo como concelebrante o Padre Miguel Francisco da Conceição Cambiona, CSSp, Pároco. Durante toda a novena, diversas pastorais e movimentos paroquiais foram homenageados, reconhecendo o trabalho realizado em favor da evangelização e da vida comunitária.

(por Pascom paroquial)



Arquivo pessoal

A Região Brasilândia promoveu, ao longo de abril, a **Formação Pascom** em seus quatro Decanatos: Santa Isabel e São Zacarias, dia 12; São Filipe, dia 19; São Pedro, no sábado, 25; e São Barnabé, no domingo, 26. Com o tema "Tecnologia, Ética e Fé: preservar vozes e rostos humanos", os encontros reuniram agentes para refletir sobre os desafios da comunicação na era digital, reforçando o papel evangelizador com responsabilidade e sensibilidade humana. Inspirada na mensagem do Papa Leão XIV para o 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais, a formação destacou a importância de uma comunicação que escuta, promove relações verdadeiras e coloca a dignidade da pessoa no centro, usando a tecnologia como ponte, e não como barreira.

(por Érika Franco)



Pascom Nossa Senhora Aparecida

Na manhã do sábado, 25, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Decanato São Filipe, foi realizado o **Encontro Regional de Formação Catequética** sobre o novo Diretório da Catequese da Arquidiocese de São Paulo. Participaram membros da Iniciação à Vida Cristã (IVC), catequistas de Batismo e de Noivos. O encontro foi marcado por momentos de estudo, reflexão e partilha, nos quais se destacou a importância de uma Catequese cada vez mais missionária, querigmática, acolhedora e integrada à vida da Igreja.

(por Pascom paroquial)



Sidney Junior

No domingo, 26, aconteceu o Retiro para Mulheres, com o tema "A cura da alma feminina – resgatando a verdadeira essência da mulher", promovido pela **Paróquia Cristo Libertador**, Decanato Santa Isabel e São Zacarias. Participaram cerca de 200 mulheres em um profundo momento de espiritualidade, oração e reflexão. Houve a presença das preadoras Nandah, cantora católica, e Débora Pires, da Comunidade Shalom, que conduziram momentos de partilha e pregação. Padre Maycon Wesley Silva, Pároco, fez um momento de oração e, depois, presidiu a missa de encerramento.

(por Daniele Aleixo)



Pascom paroquial

No domingo, 26, foi celebrada a festa do padroeiro da **Capela Bom Pastor**, da Paróquia Nossa Senhora das Dores, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, em missa presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., e concelebrada pelo Padre Walter Merlugo Júnior, Pároco e Coordenador Regional de Pastoral. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia enfatizou a centralidade de Jesus como guia e proteção para os fiéis. Refletindo sobre a imagem bíblica do pastor, o Bispo destacou que a relação com o Cristo deve ser a base de toda a vida comunitária. "Nós não estamos sozinhos. Cristo é a porta da nossa comunidade". Ele também alertou para a importância da autenticidade e da fidelidade ao Evangelho e lembrou que a presença do Bom Pastor é constante, especialmente nos momentos de adversidade.

(por Pascom paroquial)



Pascom Capela São Marcos

Entre os 22 a 25, foi celebrado o tríduo e a festa do padroeiro da **Capela São Marcos**, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, que está aos cuidados da Comunidade Aliança de Misericórdia. No sábado, 25, festa do evangelista, a Eucaristia foi presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., concelebrada pelo Padre Evandro Torlai, Presidente da Aliança, com a assistência do Diácono Denilson Zulianello, responsável pela Capela. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia destacou que ao celebrar o padroeiro, "celebramos a nossa identidade, pois o Padroeiro molda a missão da comunidade" e ainda disse que "no Evangelho segundo Marcos, o verbo mais presente é o da ação, o 'ide', e isso vemos presente nesta capela a partir dos projetos, ações pastorais e evangelização". Na ocasião, Dom Carlos abençoou o novo sacrário da Capela.

(por Robson Landim)



O MELHOR SISTEMA DE GESTÃO ECLESIAL DO BRASIL- 1987

Fortalecendo dioceses, paróquias e comunidades.

SOLUÇÕES ECLESIAIS

Financeiro
Controle Financeiro por centro de custos

Contábil ECD, ECF

Folha de pagamento EFD-Reinf

Gestão de Eventos
Sistema para eventos, quermesses, festas juninas etc

Orgdom
APP diocesano e paroquial

OrgSmart
Captura de notas fiscais eletrônicas

Conciliação bancária eletrônica

Gestão pastoral, chancelaria, controle patrimonial e tribunal

ENTRE EM CONTATO



www.orgeclesial.com.br
reinaldo@orgeclesial.com.br

Orgeclesial
@orgeclesial

Escritório Franca
Rua Minas Gerais, 2041, Vila Aparecida
Franca SP
16 99275-1899
16 2103-6166

Escritório São Paulo
Av. Paulista, 765, 7 Andar, Bela Vista
São Paulo SP
16 99266-8613
11 2450-7344

IPIRANGA



Arquivo pessoal

Aproximadamente 230 candidatos a **ministros extraordinários da Sagrada Comunhão** das paróquias pertencentes à Região Ipiranga participaram no sábado, 25, de um encontro formativo, realizado na Paróquia Santa Cândida, Decanato São Marcos. O tema "Ministerialidade" foi explanado por Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga. Participaram o Padre Anderson Marçal Moreira, Pároco, e o Diácono Anivaldo Blasques, Coordenador dos MESCs.

(com informações do Diácono Anivaldo Blasques)



Pascom paroquial

A comunidade de fiéis da **Paróquia Nossa Senhora da Esperança**, em Moema, Decanato São Mateus, comemorou a festa de sua padroeira com um tríduo litúrgico, celebrado entre os dias 23 e 25, e missas solenes no domingo, 26. A celebração das 11h foi presidida por Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga e concelebrada pelo Padre Uilson dos Santos, Pároco.

(por Pascom paroquial)



Pascom paroquial

O Padre Paul Denisot, Reitor do Santuário de Nossa Senhora de Montligeon, concelebrou missa na **Paróquia Rainha dos Apóstolos**, Decanato São Marcos, no sábado, 25, presidida pelo Padre José Elias Fadul, SAC, Pároco. Localizado na pequena comunidade de La Chapelle-Montligeon, na França, o Santuário é conhecido como local de peregrinação dedicado à oração pelos fiéis falecidos e ao consolo daqueles que vivenciam o luto.

(por Patrícia Midões)



Arquivo pessoal

No sábado, 25, na **Paróquia São Vicente de Paulo**, Decanato Santo André, 108 jovens e adultos receberam o sacramento da Confirmação, durante missa presidida por Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga. Concelebrou o Padre João Carlos Iancoski Portes, CM, Pároco.

(com informações do Diácono Anivaldo Blasques)



Varlindo dos Santos

No sábado, 25, no **Santuário Arquidiocesano Nossa Senhora Aparecida**, Decanato São Marcos, os 25 anos de ordenação sacerdotal do Padre José Osterno de Aquino, Vigário Paroquial, foram lembrados com uma celebração eucarística, concelebrada pelos Padres Zacarias José de Carvalho Paiva, Pároco e Reitor; Sidinei Lang, Colaborador Paroquial; Jefferson Mendes de Oliveira, Pároco da Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório, Decanato Santo André; e Bruno Reis Paula, CR, da Área Pastoral Nossa Senhora do Carmo, da Região Belém.

(por Pascom paroquial)



Arquivo pessoal

A **Pastoral Operária da Região Ipiranga** realizou no domingo, 26, duas missas no contexto da comemoração do Dia Internacional dos Trabalhadores, a ser comemorado em 1º de maio. No período da manhã, a Eucaristia foi celebrada na Comunidade Nossa Senhora da Moradia (foto), no Jardim São Savério, Decanato Santo André, presidida pelo Padre Carlos Gabriel dos Santos Freitas, SJS, Vigário Paroquial da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Jesus. O foco da celebração foi enaltecer os trabalhadores domésticos, cujo dia é comemorado em 27 de abril. À tarde, na Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório, Decanato Santo André, a missa teve por intenção os trabalhadores da Região Ipiranga e foi presidida pelo Padre José Maria Mohamed Júnior, Coordenador Regional de Pastoral, e concelebrada pelo Padre Jefferson Mendes de Oliveira, Pároco. Além dos membros da comunidade e da Pastoral, participou o grupo organizado dos trabalhadores da Educação.

(com informações de Eduardo Paludette)



Pascom paroquial

No sábado, 25, os Grupos de Ações Sociais da **Paróquia Nossa Senhora das Graças**, Decanato São Mateus, e da Paróquia Nossa Senhora de Sabará, da Diocese de Santo Amaro (SP), realizaram a ação especial de Páscoa no Centro de Acolhida do Jabaquara (CA Solidariedade Abecal). Houve dinâmica musical e partilha da Palavra, além do oferecimento de lanches, bolos, presentes, caixa de bombons, kits de higiene, meia e touca aos atendidos pela instituição.

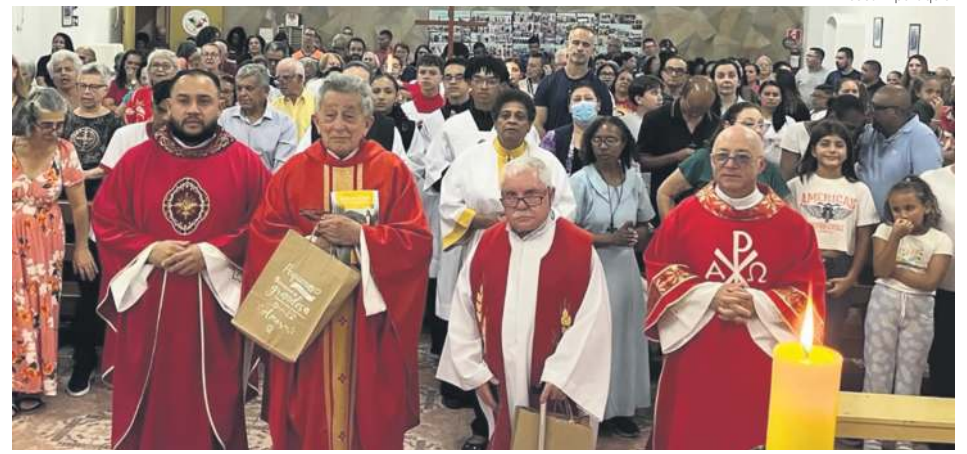
(por Pascom paroquial)

BELÉM

Na tarde do sábado, 25, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia Santa Isabel Rainha**, Decanato São Lucas, na qual conferiu o sacramento da Confirmação a 20 jovens e adultos. Cerca de 30 crianças receberam o sacramento da Eucaristia pela primeira vez. Concelebrou o Padre Valdeir dos Santos Goulart, Pároco, com a assistência do Diácono Vinícius Pinheiro. *(por Fernando Arthur)*



Débora Oliveira



Pascom paroquial

No sábado, 25, foi celebrado o padroeiro da **Comunidade São Marcos** da Paróquia São Mateus Apóstolo, Decanato São Timóteo, com missa presidida pelo Cônego José Miguel Oliveira, Vigário-geral Adjunto da Região Belém e Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto, concelebrada pelos Padres Felipe Batista da Silva, Administrador Paroquial da Paróquia São Mateus Apóstolo, e Atanásio Enchioglio, Colaborador da Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto, e assistida pelo Diácono Gilmar Freire, Assistente Pastoral. *(por Diácono Gilmar Freire)*



Pascom paroquial

Na manhã do domingo, 26, Dom Cícero Alves de França conferiu o sacramento da Confirmação a 77 jovens e adultos em missa na **Paróquia Coração Eucarístico de Jesus e Santa Marina**, Decanato São Lucas. Concelebrou o Padre Odair Calezulato, SAC, Pároco, com a assistência do Diácono João Botura. *(por Fernando Arthur)*



Pascom paroquial

Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia São José de Anchieta**, Decanato Sant'Ana e São Joaquim, na noite do domingo, 26, em que conferiu o sacramento da Confirmação a 44 jovens e adultos. Concelebrou o Padre Marcelo Jordan, Pároco, com a assistência do Diácono Benedito José da Silva. *(por Fernando Arthur)*



Comunicação da Região Belém

Na manhã do sábado, 25, aconteceu no Centro Pastoral São José o **Encontro Regional de Formação Litúrgica Pastoral**, com a presença de centenas de agentes de pastoral de diversas paróquias e comunidades. A assessoria foi do Frei Felipe Marques, Assessor da Comissão Episcopal para Liturgia da CNBB. *(por Padre Felipe Batista da Silva)*



Thais Lopes de Oliveira

Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia Santa Cruz**, Decanato São Timóteo, na manhã do sábado, 25, durante a qual conferiu o sacramento da Confirmação a 17 jovens e adultos. Concelebrou o Padre José Carlos dos Anjos, Pároco. *(por Kaique Mazaia)*

Livraria Loyola
sempre um bom livro para você [.com.br](http://www.livrarialoyola.com.br)

Loja Senador

R. Senador Feijó, 120 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01006-000
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasenador03@livrarialoyola.com.br

Loja Quintino

R. Quintino Bocaiúva, 234 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01004-010
WhatsApp (11) 95395-8927
lojaquintino05@livrarialoyola.com.br

Loja Santos

R. Padre Visconti, 08 - Embaré
Santos, SP - CEP 110040-150
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasantos04@livrarialoyola.com.br

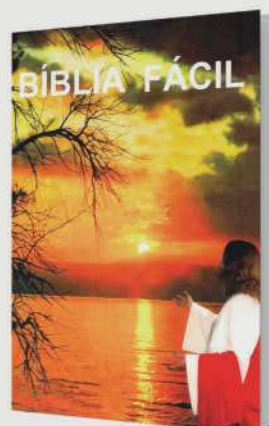
Loja Campinas

R. Barão de Jaguara, 1389 - Centro
Campinas, SP - CEP 13015-002
WhatsApp (19) 3236-3567
lojacampinas03@livrarialoyola.com.br

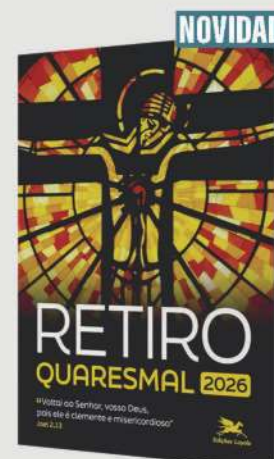
A LIVRARIA MAIS COMPLETA DO BRASIL EM
LIVROS E ARTIGOS CATÓLICOS



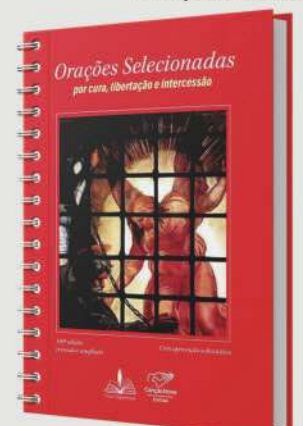
MINHA PRIMEIRA BÍBLIA
De: R\$ 84,90
POR: R\$ 67,90



BÍBLIA FÁCIL
De: R\$ 59,00
POR: R\$ 50,15



RETIRO QUARESMA 2026
De: R\$ 24,00
POR: R\$ 21,60



ORAÇÕES SELECIONADAS
De: R\$ 26,90
POR: R\$ 21,50

Mais de um milhão
de cópias vendidas

Para pedidos ligue: (11) 3105-7198 / 98459-5171 ou acesse: www.livrarialoyola.com.br



Papa a sacerdotes: 'Vós sois um canal, não um filtro'

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

No 4º Domingo da Páscoa, 26, o Domingo do Bom Pastor e Dia Mundial de Oração pelas Vocações, o Papa Leão XIV presidiu missa na Basílica de São Pedro, ocasião em que ordenou dez sacerdotes para a Diocese de Roma.

Aos neossacerdotes, o Pontífice falou sobre três "segredos" que devem orientar a vida de um padre. O primeiro, um

profundo "vínculo com Cristo", a partir do amor ao celibato que deve "ser cuidado e sempre renovado, pois todo o verdadeiro afeto amadurece e torna-se fecundo com o tempo".

O segundo "segredo" é o sacerdote olhar a realidade sem medo. "Quem nos chama é o Senhor da vida. Caríssimos, que o ministério que vos é confiado possa transmitir a paz daquele que, mesmo entre os perigos, sabe por que razão está seguro", disse, comentando

que a segurança de um padre não reside no cargo que ocupa, "mas na vida, morte e Ressurreição de Jesus, na história da salvação da qual participais com o vosso povo".

Por fim, recordando a passagem do Evangelho em que Jesus diz "Eu sou a porta das ovelhas" (Jo 10,7), Leão XIV exortou os padres a estarem ao lado das pessoas e sempre fazerem da Igreja uma porta aberta aos que queiram encontrar-se com Jesus: "Deixai entrar e estai

sempre prontos para sair. Este é outro segredo para a vossa vida: vós sois um canal, não um filtro. Muitos acreditam já saber o que há além daquele limiar. Trazem consigo memórias, talvez de um passado distante; com frequência, há algo vivo que não se extinguiu e que atrai; por vezes, porém, há qualquer outra coisa que ainda sangra e afasta. O Senhor sabe e espera. Sede reflexo da Sua paciência e da Sua ternura. Vós sois de todos e para todos!"

Leão XIV e Arcebispa da Cantuária: em diálogo pela unidade dos cristãos e em favor da paz

Na segunda-feira, 27, o Papa Leão XIV recebeu em audiência Sua Graça Sarah Mullally, Arcebispa de Cantuária, que desde 25 de março é a Primaz da Comunhão Anglicana.

O Papa fez memória do histórico encontro ocorrido há 60 anos entre São Paulo VI e o Arcebispo Michael Ramsey, que marcou o primeiro diálogo teológico entre anglicanos e católicos para que se procure restabelecer a plena comunhão na fé e na vida sacramental.

"Este caminho ecumênico tem sido certamente complexo. Embora muito progresso tenha sido feito em questões historicamente divisivas, novos problemas surgiram nas últimas décadas, tornando o caminho para a plena comunhão mais difícil de discernir. Sei que a Comunhão Anglicana também enfrenta muitas dessas mesmas questões hoje. No entanto, não devemos permitir que



Vatican Media

esses desafios constantes nos impeçam de aproveitar todas as oportunidades possíveis para proclamar Cristo juntos diante do mundo", afirmou Leão XIV, enfatizando que "seria um escândalo se não continuássemos trabalhando para

superar nossas diferenças, por mais insuperáveis que possam parecer".

O Santo Padre também lembrou que em um mundo que vive a crescente necessidade da paz de Cristo, "as divisões entre os cristãos enfraquecem a nossa

capacidade de sermos portadores eficazes dessa paz. Se queremos que o mundo acolha com o coração a nossa pregação, devemos ser perseverantes na oração e nos esforços para remover qualquer pedra de tropeço que impeça a proclamação do Evangelho".

Sarah Mullally, por sua vez, destacou que católicos e anglicanos devem continuar a contar ao mundo uma história de esperança: "De que toda vida humana tem um valor infinito, porque somos filhos preciosos de Deus; de que a família humana é chamada a viver como irmãos e irmãs; de que devemos, portanto, trabalhar juntos pelo bem comum, construindo sempre pontes, nunca muros; de que os mais pobres entre nós estão mais próximos do coração de Deus; e de que as forças da morte são vencidas pela vida ressuscitada de Cristo". (DG)

(Com informações de Vatican News)

Pontífice recomenda a políticos cristãos que estejam próximos do povo para conhecer a sua realidade

Na manhã do sábado, 25, Leão XIV recebeu os membros do Partido Popular Europeu, cuja inspiração política se baseia nos "pais fundadores" da Europa contemporânea – Konrad Adenauer (Alemanha), Alcide De Gasperi (Itália) e Robert Schuman (França), que agiram no pós-Segunda Guerra Mundial para

evitar um novo conflito global.

O Papa enfatizou que "qualquer ideologia distorce as ideias e subjuga o homem ao seu próprio projeto, reprimindo suas verdadeiras aspirações, seu anseio por liberdade, felicidade e bem-estar pessoal e social". Também exortou que todo cristão que está na política atue

ancorado na verdade e tenha "uma visão realista, que parta dos problemas concretos das pessoas, que se preocupe, antes de tudo, em promover condições de trabalho dignas que estimulem a criatividade e o talento das pessoas diante de um mercado cada vez mais desumanizante e pouco gratificante; que permita

superar o medo, aparentemente muito europeu, de constituir família e ter filhos, de enfrentar as causas profundas da migração, cuidando de quem sofre, mas também levando em conta as reais possibilidades de acolhimento e integração dos migrantes na sociedade". (DG)



ASSUNÇÃO
CENTRO
UNIVERSITÁRIO

Transforme o seu futuro no ASSUNÇÃO! Escolha estudar em um Centro Universitário com nota **MÁXIMA no MEC**, tradição em ensino de qualidade e compromisso com a sua formação. Aqui, você conquista sua **Graduação com 50% de desconto*** e tem acesso a cursos de **Pós-Graduação com condições e descontos especiais e oportunidades únicas para crescer profissionalmente.**

*Desconto exclusivo para ingressantes via Projeto "Vamos Sonhar Juntos"



WhatsApp
(11) 5087-0187

INSCREVA-SE JÁ!

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana

www.unifai.edu.br

Aulas das 19h às 21h50,
on-line ao vivo às sextas

Leão XIV na Guiné Equatorial: em Cristo, somos livres

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO, EM ROMA

Sob forte chuva, detentos da Prisão de Bata dançaram e cantaram “Liberdade!” durante a visita do Papa Leão XIV à Guiné Equatorial, único país de língua espanhola na África. “Ninguém está excluído do amor de Deus”, disse ele, em um dos momentos mais emblemáticos de sua visita apostólica de pouco mais de dois dias, de 21 a 23 de abril.

“Cada um de nós, com sua história, seus erros e seus sofrimentos, continua sendo valioso aos olhos do Senhor. Podemos afirmar isso com certeza, pois Jesus nos revelou isso em cada encontro, em cada gesto e em cada palavra”, disse o Santo Padre. “Mesmo quando foi preso, condenado e levado à morte sem ter cometido nenhuma culpa, Ele nos amou até o extremo, demonstrando que acredita na possibilidade de que o amor transforme até mesmo o coração mais endurecido.”

CONSOLAÇÃO E ESPERANÇA

O Papa Leão XIV foi recebido com enorme festa na Guiné Equatorial: ele nitidamente falava o espanhol com naturalidade – já que viveu grande parte de sua vida como missionário no Peru – e o país tem uma maioria de mais de 70% de católicos em uma população de quase 2 milhões de pessoas. Em todos os encontros que teve com autoridades civis, jovens e doentes, as cerimônias foram tratadas com grande solenidade e alegria. Uma universidade nacional deu o nome “Papa Leão XIV” a seu *campus*, marcando a visita histórica.

Por outro lado, trata-se de um dos países mais fechados do mundo, no qual o poder político está totalmente concentrado nas mãos do presidente Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, há 46 anos no poder, e de sua família e clã. Na Guiné Equatorial, o turismo é extremamente restrito e, segundo organizações de di-



Na viagem à Guiné Equatorial, Papa sente de perto o carinho dos católicos, dialoga com autoridades e universitários, e visita um presídio

reitos humanos, a liberdade é ameaçada constantemente. A Prisão de Bata, que o Pontífice visitou, é conhecida por abrigar dezenas de prisioneiros políticos. O sistema judiciário do país nem sempre lhes dá o devido direito de defesa.

Nesse contexto, o Papa foi ao encontro do seu povo com uma palavra de esperança e de consolo. Diferentemente dos outros países em que passou anteriormente, em sua longa jornada no continente africano, iniciada no dia 13 – Argélia, Camarões e Angola –, na Guiné Equatorial a men-

sagem foi mais direta e uniforme. Em discurso às autoridades civis, disse: “É fundamental que se perceba a diferença entre o que perdura e o que passa, mantendo-se livre da riqueza ilícita e da ilusão do domínio.”

O Pontífice afirmou que parte do papel da Igreja é “formar consciências”, algo que ela vai continuar a fazer como anúncio do Evangelho, em especial nas situações mais delicadas. “O objetivo da Doutrina Social é educar para enfrentar os problemas, que são sempre diferentes, já que cada geração é nova, com

novos desafios, novos sonhos e novas questões”, declarou.

Na missa de encerramento de sua visita ao país e à África, o Papa fez menção ao assassinato recente de um sacerdote, o Monsenhor Fortunato Nsue Esono, cujas circunstâncias pediu que sejam investigadas. Citando Santo Ambrósio, ele rezou durante a homilia: “Se estás oprimido pela injustiça, Ele é a justiça; se precisas de ajuda, Ele é a força; se tens medo da morte, Ele é a vida; se desejas o céu, Ele é o caminho; se estás nas trevas, Ele é a luz” (*De Virginitate*, 16,99).

‘É preciso promover um novo comportamento: a cultura da paz’

O Papa Leão XIV dedicou cerca de 20 minutos para falar e responder a perguntas de jornalistas no voo de volta a Roma, a partir de Malabo, na Guiné Equatorial. Na quinta-feira, 23, ele declarou que a longa viagem à África, na qual visitou quatro países deve ser lida “sobretudo como uma expressão da vontade de anunciar o Evangelho, de proclamar a mensagem de Jesus Cristo”, e não somente em chave política.

Nesse sentido, afirmou que hoje é preciso “promover um novo comportamento, a cultura da paz” para responder aos problemas do mundo. “Muitas vezes, quando avaliamos certas situações, a resposta imediata é: ‘é preciso intervir com violência, com guerra, atacando’”, alertou. Entretanto, é necessário continuar buscando o diá-

logo como resposta primária. O Santo Padre disse carregar consigo uma foto de um menino muçulmano que, no Líbano, segurava um cartaz dizendo “Bem-vindo, Papa Leão!”, mas que foi assassinado após sua viagem ao país.

“Existem muitas situações humanas, e acredito que devemos ter a capacidade de pensar dessa forma. Como Igreja, reitero, na qualidade de pastor: não posso ser a favor da guerra, e gostaria de encorajar a todos a se empenharem em buscar respostas que venham de uma cultura de paz, e não de ódio e divisão”, acrescentou.

O Papa falou, ainda, do tema da imigração, de questões morais e de possíveis divisões no corpo da Igreja, e do fato de que a Santa Sé mantém relações diplomáticas com muitos países. Sobre este ponto, ex-

plicou o porquê de ter que dialogar inclusive com líderes de regimes políticos autoritários.

“Há um trabalho enorme que se realiza nos bastidores para promover a justiça, para promover causas humanitárias, para identificar – por vezes – situações em que possa haver presos políticos e encontrar uma maneira de libertá-los”, explicou o Pontífice. “Situações de fome, de doença etc. Assim, a Santa Sé, ao manter, por assim dizer, uma neutralidade e ao buscar maneiras de continuar nossa relação diplomática positiva com tantos países diferentes, estamos, na verdade, tentando encontrar uma maneira de aplicar o Evangelho a situações concretas, para que a vida das pessoas possa ser melhorada.” (FD)

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

Diariamente, no site do jornal **O SÃO PAULO**, você pode acessar notícias sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, acesse algumas notícias e artigos:

Soldados israelenses que destruíram estátua de Jesus no Líbano são condenados a prisão
<https://curt.link/bxYzs>

Campanha da ACN pede proteção à liberdade religiosa
<https://curt.link/mEUfo>

Aberto o edital do FNS para apoio a projetos relativos à CF 2026
<https://curt.link/avnqt>

Uma conversa sobre a Alegria da Ressurreição no Podcast da Arquidiocese
<https://curt.link/SZyFR>